N.º 17 Fevereiro 1918

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

Sina Fatal.....	*Isidoro J. Brito*
A saída aos domingos....	*Rócel A. Oliveira*
Conferência feita pelo nosso camarada Gouveia Pinto, no dia 1.º de Dezembro	*Gouveia Pinto*
Adamastor e Tétis... ...	*Isidoro J. Brito*
Ecos.....	
Folhas de Outono.....	*Isidoro J. Brito*
Recordações.....	*Rócel A. de Oliveira*
Que ventania.....	*Acacio M. Cabral*

Preço 4 centavos

1918
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
Mário Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Acácio Monteiro Cabral, Manuel L.cas de Sousa e João Augusto Cardoso

Sec. da redacção: José Roxo
Direct.: José C. Barroso J.or

N.º 17 — 3.º ano — Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército — Fevereiro de 1918

SINA FATAL

(FRAGMENTO)

E, cogitando nisto, o garoto olhava furtivamente para todos os lados, detendo-se a observar, cheio de curiosidade, a magnificência deslumbrante da explêndida paisagem que se desenrolava na sua frente em quadros dum mimo inexcedivel e dum frescor maravilhoso.

No vale, as searas amadurecidas ondulavam suavemente e por entre as espigas ligeiramente aloiradas apareciam a rir o vermelho estridente das papoilas e o azul esbatido das corriolas.

Casitas pequenas e bem cuidadas amenizavam o conjunto, erguendo-se aqui e acolá pela encosta do monte como sentinelas sonhadoras e perdidas, umas desaparecendo sob os cachos roxos — um roxo de amarguras — das soberbas glicinias, outras aureoladas pelo manto de oiro dos pâmpanos.

Depois, para cima, a vegetação ia rareando a pouco e pouco dando o lugar às massas sombrias e tristes dos pinhais, e no alto da serra, uma cruz em mármore muito branca e bem talhada parecia querer alar-se como a alma dum crente ao éter luminoso e fulgurante...

Ouvia-se o estridulo cantar das cigarras nas sarças e, como que em desafio os pardais chiavam ruidosamente no cimo das carvalheiras.

Lentamente, à vista dêste espectáculo, um torpor delicioso, uma doce melancolia penetravam na alma ingénua e confiante de Cláudio.

Porêm, qualquer coisa de notável lhe chamou de repente a sua atenção, porquanto o seu olhar até ai distraido e vago se tornou num momento mais sério e prescrutador ao fixar-se em certo ponto da seara.

Efectivamente, à distância de pouco mais ou menos duzentos metros via-se aflorar cautelosamente à superfície das loiras espigas um chapéu muito largo e esburacado, cuja côr se perdera pelo uso constante, e logo a seguir a cara congestionada e rugosa do velho Joaquim das Hortas.

Como é que êste aparecia ali tão de improviso, exactamente quando os planos de Cláudio começavam a surtir bom efeito?

Nada mais simples. Expliquemos. Pedro, na confusão em que o aviso do seu amigo o deixara, ao dirigir-se para o local combinado inadvertidamente, esqueceu-se da carta, deixando-a em cima do carro.

Foi isto que o perdeu, porque o guarda que espiava todos os seus movimentos com uma constância infernal, mal êle virou costas, ao certificar-se de que ninguêm o observava, apressou-se a apanhar o objecto que tinha excitado a sua curiosidade ardente.

Uma exclamação de pasmo e de raiva, seguida de pragas violentas foi o que lhe causou a leitura da carta. E como homem que não quere perder uma boa ocasião de se vingar lançou-se como um louco pela estrada fora numa corrida precipitada, blasfemando horrivelmente.

Boa tarde! gritavam-lhe à passagem os amigos admirados daquela loucura senil, como lhe chamavam.

Com seiscentos diabos, praguejava o velho guarda, má peste os leve a todos.

E, como uma bomba entrou em casa, onde Alice estava pondo tranqüilamente a mesa para o jantar, cuja presença redobrou a fúria do tresloucado tio.

Então tu, explodiu, dirigindo-se àquela, cuidas naturalmente que por eu já ser velho e trôpego, não tenho olhos para ver o que vocês preparam, nem mãos para castigar a ousadia e que sou tão tolo que me vá meter na bôca do lobo!

Ah! Ah! gargalhou! cá está ela! cá está ela!

E agitava triunfantemente a carta no ar.

Pois então! não era êle que se havia de deixar comer assim com duas tretas! afirmava depois, batendo com os punhos cerrados sôbre a mesa.

E à saída foi-se postar num sulco da seara, a pouca distância do moinho, deitado de bruços contra o chão.

Passou uma, duas, três horas nesta posição e nada de novo.

Dianho! querem ver que me lograram.

E soergueu um pouco a cabeça para esprei-

tar melhor, sendo nesta ocasião descoberto por Cláudio.

Olha o velhote, como é meiro, murmurou êste baixinho.

Depois, mais alto:

Pedro! Eh! Pedro! Vem depressa, que estamos bem servidos.

Pronto! redarguiu o interpelado, saltando lestamente para a estrada e rindo com fôrça.

E sob os olhares furibundos do guarda, afastaram-se apressadamente.

* * *

Caia a noite. Céu, terra e mar, confundiam-se por igual nas sombras formidáveis do crepúsculo.

Recolhiam-se aos ninhos as tímidas andorinhas, e o sol à despedida enchia de clarões opalinos e ardentes o horizonte enxombreado.

Havia no espaço uma harmonia dolente, uma tristeza infinita...

Era a alegria da vida a expirar nas trevas da desolação...

Davam 8 horas.

Já! exclamaram os dois rapazes em uníssono, acelerando ao mesmo tempo a marcha.

Ao fim de meia hora de caminho, achavam-se completamente aniquilados de fadiga, e era com bastante esfôrço que conseguiam mover-se.

Para encurtar caminho, meteram à direita por um escabrosíssimo e estreito atalho.

Repentinamente, um assobio vibrante e prolongado rompeu o silêncio pesado que envolvia os campos.

Ouves! disse Pedro, parando no meio do atalho e agarrando no braço do companheiro.

Ora adeus! retorquiu êste, é qualquer pegureiro que se diverte a assobiar.

Porêm, um silvo mais baixo e misterioso aguçou-lhes a curiosidade, e, esquecendo-se das recomendações do estalajadeiro, deitaram-se num pequeno fôssozito, à espera dos acontecimentos.

Com grande pasmo seu viram sair da espessura do bosque, alguns individuos de aparência suspeita, os quais se congregaram na melhor ordem e no sossêgo mais absoluto, numa pequena clareira envolvida de todos os lados por um denso mato.

O lugar era dos mais selvagens e dos mais pitorescos.

Cresciam ali numa confusão caótica, árvores aos milhares, entrelaçando as frondosíssimas copas, os ramos a envolverem-se, a expandirem-se em mil caricias, numa promiscuidade terrivel e prodigiosa, os velhos carvalhos centenários com os plátanos e as faias sôbre um solo acidentado e desigual, numa luta constante e repetida de há séculos, pelo ar, pela luz e pela vida.

Trepadeiras caprichosas de filamentos delgados mas resistentes envolviam completamente as árvores num abraço interminável e temivel de envolta com as silvas selvagens que, rasteiras e de picos agudos como lâminas de navalhas, ofereciam uma muralha inabordável ao viandante desconhecedor dos segredos e das passagens do mato.

Um musgo aveludado, um tanto forte e macio, de um verde muito tenro e inebriante, revestia os troncos anosos e potentes.

A hera dependurava-se e caia em longas grinaldas dos ramos cheios de vigor.

As flôres silvestres de côres variadissimas multiplicavam-se e brotavam por toda a parte, juntando o seu perfume delicado e agradável ao aroma embriagante e forte que se evolava do seio da terra.

E, era aqui no meio desta vegetação luxuriante e formosa que as aves estabeleciam os seus ninhos, perseguindo-se amorosas e confiantes, de maneira que, na primavera era um espectáculo encantador e imponente o de ver as árvores vigorosas deitarem novos rebentos, multiplicarem-se, revigorarem-se, crescerem pletóricas de seiva e de fôrça, polvilhadas de oiro por um sol ardente, e de ouvir ao mesmo tempo os trinados vibrantes e melodiosos das avezinhas, que saiam da profundidade dessa verdura imensa e formidável como um cântico profundo e atroador entoado por uma orquestra mágicamente divina.

Perto do bosque uma ribeira tumultuosa e enorme que as cheias do inverno aumentavam constantemente, rolava as suas águas fecundas sôbre um leito escabroso e sórdido, bastante alcantilado e cheio de detritos.

Era uma ribeira explêndida e grossa cujas águas naquele lugar se despenhavam com um ruido plangente e sonoro, levantando altíssimos e fragorosos cachões de espuma, que se desfaziam a efervescer, em ressaltos violentos ou em cascatas abruptas e pitorescas talhadas no seu acidentado leito pelo esfôrço contínuo e notável de há eras.

Era terrivel, e gosava de uma fama nada satisfatória especialmente de inverno em que as suas águas se espalhavam pelos campos e devastavam tudo quando menos se pensava, o que obrigava os camponeses daquela região a emigrar e a debandar para longe, para não sucumbir à fome.

E o observador curioso que num belo dia estival quisesse desvendar o horizonte e subisse a uma das árvores havia de notar para

o sul — para o leste numa extensão brutal as searas imensas e aloiradas onde os melros cantavam sem cessar e as papoilas desabrochavam vermelhas e lindas como os lábios nacarados duma louçã camponesa.

Depois; os milharais extensos, donde as cotovias levantavam o voo e onde em canas e paus se viam espetados pedaços de pano velho, para enxotar os pardais.

Ficaria encantado igualmente com as casitas de uma alvura deslumbrante e surpreendente a contrastar violentamente com o verde glauco dos trigais, todas elas cercadas de pequenos jardins onde rebentavam as dálias fresquíssimas e pomposas, balançando na haste flexivel, as rosas soberbas e formosas, de pétalas de aurora, as magnólias lindissimas e as túlipas delicadas como princesas.

E a sua vista demorar-se-ia deslumbrada e sonhadora, por sôbre esta verdura mimosa e onipotente, sôbre êste conjunto encantador e inexprimivel que formava um dos panoramas mais surpreendentes e deliciosos.

A' direita ficava a serra de M... com os seus meditativos e sombrios, de um aspecto selvático e bravio e onde os pinheiros crescem profusamente.

A terra aqui era estéril e sêca podendo-se-lhe aplicar com justiça aqueles versos de Guerra Junqueiro

terra ingrata onde a urze a custo desabrocha
bebendo o sol, comendo o pó, mordendo a rocha

Na encosta da serra que se cortava em mil atalhos e barrancos alterosos, coberta de urze e de restôlho totalmente requeimado pelos ardores do estio, sómente apareciam algumas oliveiras muito enfezadas e pequenas a estenderem os ramos sem seiva na atitude humilde e chorosa de quem pede uma gota de água que a refrigere da soalheira esmagadora.

E, para terminar, ao norte estendiam-se os prados onde frescas e viçosas hervas cresciam abundantemente fazendo as delicias dos numerosos rebanhos que por ali pastavam.

Em seguida viam-se as vinhas que ocupavam geiras e geiras de terrenos em toda a sua pujança ensombrando e mostrando por entre as fôlhas queimadas os cachos já maduros debicados pelas aves inquietas e gulosas, e, lá ao longe a nivelar o horizonte fulgia o mar, serenamente manso e preguiçoso como uma gaze maravilhosa de seda azul desdobrada por uma loira creança...

Era exactamente dêste lado que se avistava a perspectiva amena da casaria da cidade, com as suas ruas bem alinhadas a Sé Velha, preciosa reliquia que a acção dos tempos já começava a corromper, e a Avenida Central rodeada de jardins com canteiros bem delineados e a terminar ao fundo por uma explêndida cascata, cujas águas corriam com um murmúrio acalentador e melancólico.

Porêm, continuando, a suspeitosa companhia chegava à clareira e formava circulo em volta duma cruz de madeira.

Da lua a livida claridade dava um tom trágico à scena.

Sentado no pedestal da cruz um homem de rosto moreno e sombrio, e que parecia o chefe, examinava detidamente os comparsas de tão fantástica acção, a que o silêncio da noite e o palor da lua, davam um relêvo dramático.

— Está tudo, rouquejou por fim.

E ao responderem-lhe afirmativamente, — Caracol, acende o fogo.

A esta ordem o interpelado deu-se pressa em a cumprir.

Algumas fôlhas sêcas e pedaços de lenha foi quanto bastou para acender uma fogueira magnifica.

Então, ao vivo fogo que se desenvolveu os dois rapazes presenciaram um quadro estranho.

Doze bandidos extravagantemente vestidos agrupavam-se em tôrno do lume reanimando-se ao seu calor.

Uma larga capa acastanhada descia-lhe até aos joelhos.

Por baixo presas à cintura divisavam-se as coronhas de duas pistolas.

Na cabeça traziam um chapéu de largas abas, uma espécie de sombreiro que lhes ocultava por completo, querendo, o rosto de facinoras.

E para completar êste vestuário tão singular traziam a velar a cara, uma máscara vermelha.

Os máscaras vermelhas, balbuciou Cláudio, tomado do mais vivo terror, mal podendo reprimir um grito de espanto.

E, no diálogo que então se trocou entre os bandidos uma parte do veu tenebroso que lhe obscurecia o passado foi desvendado, por entre o pranto abundante que lhe caia pelas faces ao ouvir a triste história do seu nascimento e do seu abandono.

Isidoro José de Brito
16.º ano comercial

A vida é um sonho para quem vela; será realidade para quem dorme.

*

As lágrimas amargas são o verdadeiro alivio duma dor sincera.

A saída aos domingos

Por muito bonita que seja uma gaiola, o seu habitante, por muita caricia que lhe dispensem, pensa sempre em dela sair, em respirar o ar puro da liberdade.

O mesmo sucede aos alunos do Instituto. São muito bem tratados; o Instituto tem para êles amplexos de mãe, mas quando chega o desejado domingo ou dia feriado, é de ver como êles se apressam a dar o número, para poderem gozar essas horas de liberdade, que lhes fazem esquecer os trabalhos duma semana de estudos. O que sucede aos alunos, sucede a todos os seres viventes. Podem ser tratados com amor, mas quando lhe abrem as portas da sua prisão nem olham para quem lhes proporciona essas horas de liberdade. E' por isso que os alunos ao domingo tratam logo de sair para voltar à noite com mais vontade para o estudo, pensando já em fazer passar depressa essa semana, para poderem no próximo domingo ir gozar êsses curtos momentos de liberdade.

Estes momentos de liberdade são proveitosos para os alunos pois que ao chegarem ao termo da sua educação, teem já um pálido reflexo da vida o que de futuro lhes será muito proveitoso. Já foi tempo em que os alunos dos colégios, mal entreviam o elemento onde deveriam lutar quando dêles saissem.

Hoje não. A sociedade está semeada de escolhos que é preciso saber evitar. Já se não está no periodo jesuitico em que os alunos eram atirados para a sociedade, sem nenhuma idea do que ela era, pois que isso é que convinha aos seus educadores. Agora no tempo da República, que tudo veio reformar, o que se quere são cidadãos que saibam o que vão fazer e o que a Pátria dêles reclama.

Longe pois de serem censuradas essas saidas, devem ser pelo contrário elogiadas, pois que elas correspondem aos fins que se teem em vista, isto é, preparar o aluno para a tremenda luta que êle terá de sustentar, se quiser granjear um lugar digno de si e do Instituto que o criou.

Rócet A. de Oliveira
(4.º ano Industrial)

Conferência feita pelo nosso camarada Gouveia Pinto, no dia 1. de Dezembro.

(Continuação do n.º 15)

Começando a sua guerra maritima os holandeses apossaram-se primeiro das Canárias e de algumas ilhas do Atlântico, sendo porêm para Moçambique que êles dirigiam mais a sua atenção como ponto de passagem forçado entre a Europa e a India. Para realizarem a sua conquista repetidas vezes efectuaram desembarques. Foi para se oporem a estas acções que devastaram a peninsula que êsses poucos de portugueses, 150 não mais, se ilustraram a si e ao seu país decadente. Constituiam êles uma guarnição comandada por um dos raros bons governadores conseguiram destruir uma poderosa armada que naquelas paragens tinha ido cruzar.

A acrescentar a isto há a considerar o indigena. Este vendo que os portugueses eram em quási toda a parte levados de vencida, e assalariados pelos holandeses revoltaram-se em Angola, S. Tomé e Moçambique, sendo a muito custo reprimidos, principalmente em S. Tomé, onde fizeram grandes destroços e assassinaram grande número de brancos.

Na India sucedia o mesmo. Os holandeses cada vez redobravam mais de energia. Era um povo novo que acordava da sonolência em que até ali tinha permanecido, preparando-se depressa para a luta que teria de sustentar. Comprando e fazendo grandes ofertas conseguiram obter com a maioria dos régulos indigenas alianças vantajosas contra o nosso grande império.

Travaram-se por vezes, e até muito, freqüentes lutas nas quais com verdadeiro patriotismo, com uma valentia sem igual e com esforços titâuicos conseguiram afastar embora momentâneamente a reunião já mais que certa; salientaram se vários individuos entre os quais citarei: Artur Furtado de Mendonça e Sebastião Correia, que por os seus grandes feitos não mereceram as perseguições que nestas circunstâncias são freqüentes.

Devido porêm à negligência do govêrno castelhano e devido também à incapacidade dos vice-reis, de nada valeram o patriotismo, as vitórias e a valentia daqueles dois verdadeiros titans; estava determinado pelo fatal destino que Portugal devia sucumbir; e assim sucedeu!

Apenas para retardar a queda final serviram estes obstáculos pois que cedo se juntou à luta

uma outra nação jovem e vigorosa. Era a Inglaterra. Por circunstâncias idênticas às da Holanda, Filipe III ou antes o conde duque de Olivares, ordenou que o pôrto de Lisboa fôsse igualmente fechado aos barcos ingleses. Do mesmo modo se passou, e pouco tempo depois todo o comércio do oriente estava mais nas suas mãos, do que nas dos holandeses, com os quais, de mãos dadas, ocuparam a maioria dos territórios portugueses, principalmente a parte insular. Mais uma prova de que os castelhanos nos tratavam como povo conquistado, temos uma bem frisante: Era governador das Filipinas um grande senhor espanhol que resolveu tomar também o govêrno das Molucas que estava confiado ao intrépido Artur Furtado de Mendonça, com o pretexto de as proteger contra as iras holandesas. Pelo seu fraco talento militar e governativo, as Molucas apesar de estarem debaixo da sua alçada protectora não deixaram de cair em poder dos afamados republicanos do Norte, apesar dos esforços e das façanhas de Artur Mendonça. Enquanto que os soldados defendiam as nossas colónias, nos altos cargos sucedia o contrário. Eram vendidos depois de um individuo ter tirado um lucro que julgava suficiente, do govêrno que até então dirigia. Para satisfazer a sua ambição lançaram sôbre os indigenas impostos pesadissimos que os irritava e os revoltava.

Dêste modo o nosso grandioso império do oriente foi caindo pouco a pouco e hoje estamos reduzidos ao que sabeis: pequenos territórios e algumas pequenissimas cidades.

E da nossa grande colónia americana: o Brasil? Faltando-nos as nossas imensas riquezas do oriente, os emigrantes dirigiram a sua atenção para esta colónia, para onde alguns se tinham já dirigido, havendo já em Portugal, à época, noticia da existência de riquezas fabulosas. Em conseqüência da grande miséria que lavrava em todo o reino, e das atrocidades cometidas pelos castelhanos, o povo português emigrou em larga escala para o Brasil onde esperavam encontrar a fortuna que os havia deixado em Portugal, e voltarem depois imensamente ricos. Era a febre do ouro.

Se tivésseis, se isso fôsse possivel, ido ao Brasil nesta época por toda a parte encontrarieis missionários, isto é, enviados da companhia de Jesus que praticavam como em terras exclusivamente suas. Efectivamente o seu sonho dourado era a posse e predomínio desta imensa colónia para a companhia. Não queriam, porém, expor-se demais à fúria do conde duque de Olivares, e seguindo esta ordem de ideas êles armaram e instruíram os naturais e nalgumas lutas internas que as guarnições tiveram de sustentar, aqueles mostraram-se perfeitos conhecedores da táctica europeia, possuindo até peças de artilharia.

As noticias da imensa riqueza desta florescente colónia começaram a ser freqüentissimas e olhares cubiçosos de Inglaterra, mas principalmente da Holanda fixaram-se nêle com maior insistência, e não tardam que as suas costas e as suas cidades fôssem alvos de bastantes sortidas e até desembarques, alguns dos quais chegaram ao fim desejado, como por exemplo na Baía.

Como poderiam as guarnições resistir a estes embates furiosos se não eram rendidos havia mais de 2 ou 3 anos? Além disso a febre do ouro assaltou-as também e aqueles que antes eram soldados eram agora exploradores das riquissimas minas, umas pura fantasia, as outras verdadeiras. A colónia estava desprotegida.

A metrópole não tinha exército próprio. Como a poderia socorrer nestes transes difíceis?

Castela abandonava a colónia aos seus recursos próprios. Apenas dela se lembrava quando era necessário algum carregamento de ouro para satisfazer os loucos caprichos da ambiciosa côrte castelhana.

Como poderiam as colónias resistir a estas continuas lutas se estavam votadas ao abandono completo pela parte de Castela? Evidentemente não o podiam fazer. Apesar disso algumas cidades, aliás as mais importantes, e uma parte da colónia conseguiu manter-se contra dois inimigos qual dêles o mais terrivel: o indigena e os holandeses.

Foi talvez a questão das nossas colónias que mais indignou o povo e que foi também o maior estímulo para a revolta que vou tratar, e para aquela que tratarei também, mas, como conseqüência da primeira.

O povo revoltou-se. Diz Oliveira Martins: «Portugal levantou-se em 1637, como? Como o animal ofegante, extenuado. A vista pervertida mostrava-lhe coisas extravagantes e a terra andava-lhe à roda diante dos olhos espantados e vitreos de moribundo.» Efectivamente assim sucedeu. Portugal encontrava-se exausto e com esfôrço extremo inssurrecionou-se em Évora. Foi um fósforo lançado a um palheiro. O fogo pegou dai a mais 3 anos, e, foi então que Portugal se libertou definitivamente das pesadas grilhetas castelhanas que o acorrentavam.

Existia ao tempo uma casa nobre, de tal ordem que apenas em Portugal lhe pertencia mais de um terço do território e era o último descendente e representante dela D. João, que

depois foi rei. Não foi êle quem na realidade reinou, foi sua mulher D. Luísa de Gusmão, que auxiliada por vários ministros e generais conseguiu levar com vantagens a guerra mesmo dentro de Castela. Era tão grande o poderio dêste aristocrata que não era aniquilá-lo o que pretendia Castela mas sim atrai-lo para si. Dêste modo confiou-lhe o govêrno de uma das suas províncias mais afastadas, com evidentes mostras de o querer afastar dos seus compatriotas. D. João porêm recusou devido ao seu grande poder e riqueza estava naturalmente indigitado, para no caso de se proclamar a independência ocupar o cargo de rei. Efectivamente todos puseram os olhos nêle, mas espírito mesquinho anteviu então que com facilidade poderia ainda vir a reinar em Portugal sem se expor às iras do ministro castelhano.

Todos os homens aptos para a guerra eram afastados do reino, não porque o conde duque se quisesse servir dêles para qualquer das inumeráveis lutas que sustentou, era apenas com o intuito de deixar em Portugal apenas homens que nem sequer se pudessem mexer, afim de que sem represálias pudesse exercer melhor o seu despotismo e a sua tirania. Foi em princípios de 1640 que Olivares mandou organizar uma destas grandes levas que seria composta de todos os mancebos fidalgos e seria capitaneada por D. João duque de Bragança. A Catalunha estava revoltada de modo que todos os generais castelhanos estavam distraídos naquela parte e quási todo o exército. Porque não se revoltaria também Portugal, aproveitando êste ensejo favorável. Assim pensaram todos aqueles que estavam nomeados para seguir o duque de Bragança e bem depressa começaram as reuniões em casa de D. Antão Pinto de Almada, e foi nelas que determinaram fazer D. João rei de Portugal. Aceitou êle?

Espírito sem energia regeitou, cobiçando porêm no íntimo o trono que lhe ofereciam.

Não desanimaram porêm os intrépidos fidalgos e tendo dirigente um homem inteligentíssimo como o era João Pinto Ribeiro, administrador do duque de Bragança, que servia de intermediário entre os conjurados e o rei duque, trazia-lhes sempre esperanças embora as não houvesse. Em virtude das pesadas e contínuas ordens do duque de Olivares os revoltados combinaram o seu projectado, de há muito, para o dia 1.º de Dezembro. Dava-se isto por meados do mês de Novembro.

Sómente D. João resistia ainda. No dia aprazado mais de 40 liteiras, ao alvorecer, se encontravam no Terreiro do Paço, rodeadas de um sem número de criados, prefazendo pouco mais ou menos 200 homens. Estavam postados em frente do palácio onde moravam a duquesa de Mântua e o célebre Miguel de Vasconcelos, homem preverso que sacrificava a Pátria ao seu ódio pessoal, que lhe tinha sido legado por seu pai, um dos cinco governadores que foram escolhidos para a regência do reino durante o interregno.

Não lhe valeram porêm de nada as astúcias que empregou para escapar à ira dos insurrectos. Dado o sinal combinado de antemão todos aqueles passeantes nocturnos que se encontravam estacionados no Terreiro do Paço, lançaram-se contra as portas e guardas do palácio, cujas sentinelas tentaram resistir mas que morreram como víboras que eram.

Miguel de Vasconcelos sentindo um ruído tão desusado e a horas tão matinais e, sendo avisado pelo seu criado do que se passava, tomou uma resolução que bem demonstrava a cobardia que lhe era natural, escondeu-se num armário de papéis, não deixando de levar consigo uma clavina. Avisado a tempo e escondido, julgando esmorecer as iras dos fidalgos, enganou-se. Os fidalgos vendo-se traídos revistaram todo o palácio no ardor da sua fúria não escapando a esta revista minuciosa qualquer escaninho por mais recôndito que fôsse. Miguel de Vasconcelos porêm moveu-se e com êsse movimento deu sinal de si aos assaltantes. Depressa se sentiu agarrado por pulsos de ferro e arrastado já quási morto das torturas que lhe infligiram, para uma janela, donde sem dó nem piedade, pois não o merecia, foi lançado à rua, à ira popular.

A duquesa de Mântua ainda pretendeu falar ao povo que se apinhava debaixo das janelas do palácio, mas obrigada pelos fidalgos o não fez como assinou vários documentos mandando ordem a todas as fortalezas da barra e do reino que se rendessem aos revoltosos. Assim a armada castelhana que estava ancorada no Tejo num total de 13 navios entregou-se sem resistência a uma nau apenas. Foi aclamado rei D. João, que agora aceitou não porque fôsse ainda a ocasião para êle oportuna mas sim porque foi obrigado a isso por sua mulher D. Luísa de Gusmão, que aqui se portou como uma heroína, a par com D. Filipa de Lencastre, que armou seus próprios filhos, incitando-os a combater pela Pátria.

O movimento repercutiu-se por todo o país sendo várias praças tomadas pelos revoltosos. Não foi porêm sem algumas dificuldades que os portugueses asseguraram a independência tão repentinamente adquirida. Houve uma série de lutas, nas quais Portugal sempre saiu vencedor, notando-se entre todas, as batalhas de:

Montes Claros, etc., sendo obrigado pela evidência dos factos, a citar como dos principais dirigentes destas lutas: o Marquês de Marialva e Matias de Albuquerquè.

Terminando esta pequena conferência à qual tentei dar todo o brilho possível e expor tudo o que poderia ilucidar-vos do que verdadeiramente foi passado, peço a todos que me ouvem, que me acompanhem e saúdem comigo êsses heróis, sem os quais hoje seríamos uma provincia dependente de Espanha ou de qualquer outro estado europeu, e saúdem também aqueles que nas nossas colónias tão bem se houveram, honrando altamente mui digno nome de Portugal. Mas eu quero também aproveitar o ensejo para saudar a nossa querida República a quem nós, alunos dêste Instituto tudo devemos.

VIVA A PÁTRIA,
VIVA A REPÚBLICA.

Gouveia Pinto
(Aluno do 6.º ano comercial)

Adamastor e Tétis

Chorava Adamastor a astúcia rara
Que p'ra com êle usara a Tétis bela,
Os fados injuriando e mesmo aquela
Que a seu pesar em pedra o transformara.

— Oh! Tétis, diz, oh! ninfa mais que cara
Tem dó de quem do amor foi na procela! —
Porêm nada consegue demovê-la
Das precauções que contra êle tomara.

Como o triste gigante apaixonado
Da dura sorte assim tão escravizado,
E que em suplício eterno viverá,

Muitas vezes, perdidos, alcançamos
Por um bem ideal que nunca achamos,
Um mal que nos devora e matará!

Isidoro José de Brito
(6.º ano comercial)

ECOS

Encontra-se doente, tendo já feito uma operação com resultado satisfatório o Ex.mo Capitão Sr. Escrivânis.

Ao ilustre professor apetecemos rápidas melhoras.

Folhas de Outono

Pobres fôlhas sem côr, tão ressequidas,
Que revoltas caís na tempestade,
Sois de nossa alma as crenças fenecidas
Uma a uma a cair p'la imensidade.

Quando girais — há vozes doloridas, —
Quando passais — há prantos de saudade, —
Lembrais o soluçar de almas perdidas,
O côro dos titães na Eternidade.

Prazeres, paixões, ideais, — loucura ardente, —
São miragens que a morte de repente
Como a vós leva e às graças que as adornam.

E oh! fôlhas sem verdor, que os ventos soltam,
Sois ideais que morrem, já não voltam,
Sois ilusões que passam, já não tornam!

Isidoro José de Brito
(6.º ano comercial)

Recordações

Um dia, ao serão, sentado num pequeno banco aos pés de minha avó, ouvia os contos com que ela procurava distrair-me. Tendo nascido no Castelo de S. Jorge em Lisboa e vivido já algum tempo, tinha ainda presente na memória o que sua mãe lhe contara, como ela me estava fazendo

É êste sempre o curso das lendas. Passa de pais para filhos, como lógicamente se compreende. Contava-me ela então, algumas, das fabulosas narrações, que no Castelo corriam. Pois histórias ainda as tenho na memória. Era o lobisomem, que por um pecado que cometera estava condenado pela justiça divina, a andar pelo espaço de vinte anos, nas ruas do Castelo das doze horas à uma, correndo como uma zebra e com as patas (porque me esquecia de dizer que nessa ocasião tomava a forma de um burro), batendo ruidosamente nas portas das casas que ainda tinham luz. Era o terror dos grandes e dos pequenos, Os habitantes querendo-se ver livres dêste flagelo, fartaram-se de fazer promessas aos santos da igreja, o que parece que fez com que êle desaparecesse antes de acabar o praso marcado.

Depois de olhar uma ou duas vezes para a janela com receio de ver aparecer algum lobishomem, pedia mais histórias. Lá vinha então a narração de uma panela cheia de ouro, que um vulto negro tinha mostrado a uma criança.

Foi assim: Num quintal de uma casa no

Castelo um grupo de crianças estavam brincando. De repente eis que um ruido, como o que faz uma grossa corrente de ferro ao ser arrastada, se fez ouvir. Como era ao entardecer e o sitio solitário, as crianças fugiram todas menos uma que mais animosa se deixou ficar.

O mais curioso é que por mais esforços que fizessem não podiam soltar um grito, de maneira que a familia no interior da casa não deu por nada. Transida de terror viu então a pequena aproximar-se um vulto negro que em voz cavernosa lhe disse: vai buscar uma pá e cava neste sitio, que indicou com um pé digno de um gigante. A pequena agarrou numa pá que perto estava e começou cavando.

Pouco tempo depois aparecia uma panela negra, que o vulto puxou para fora com fôrça hercúlea. A pequena admirada via a panela cheia de peças de ouro, ao mesmo tempo que o vulto desapareceu misteriosamente. A familia avisada pela pequena apareceu então a tempo de ver a pequena um tanto trémula, mas toda alegre por ver as peças tão bonitas, tão douradinhas. O pai, parece que julgando que o quintal estava fadado ainda começou a cavar para ver se lá aparecia outra, mas não viu realizados os seus desejos de ambição.

Sucedeu-se então a narração de temerosos subterrâneos, onde habitavam animais disformes. Lembro-me de ouvir contar, que uma vez, estando um soldado a cavar, a enxada bateu em qualquer coisa que soava com som metálico.

Já nesse tempo corria a história da panela, e o soldado julgando a sua fortuna chegada, e calculando que não poderia sozinho erguê-la foi chamar dois ou três para o ajudarem. Afinal com grande desapontamento viu-se uma lage tendo no centro uma argola de ferro. Um tanto ou quanto receosos, foram buscar uma barra metálica que fizeram usar como alavanca.

Ao cabo de bastantes esforços, lá conseguiram erguê-la. Divisaram então toscos degraus que davam acesso a um estreito corredor. Um pouco indecisos lá penetraram uns dois, enquanto o outro ficou cá fora. O soldado que tinha descoberto a lage ia à frente. Poucos passos eram dados quando viram um estranho animal verde, parecido com um morcego, que se precipitou, sôbre o primeiro. Soltaram todos um grito de terror que avisando o que cá tinha ficado fora se pôs em fuga.

Saíram todos de tropel, fechando logo a lage e cobrindo-a com bastante terra de maneira que lá não ficou o mais pequeno vestigio e apezar de mais tarde se procurar não se encontrou essa galeria habitada por tão estranhos animais. Ainda a respeito de subterrâneos recordo-me de ouvir falar de uma maravilha. Sabem o que era? A existência de uma famosa galeria que ia do Castelo até à Índia!

E sabem como se soube que ai ia dar?

Por meio de umas vacas que traziam nos chifres alguns ramos de plantas que se sabiam ser oriundas da Índia. Provàvelmente eram ramos do famoso chá daquelas terras.

É natural que num castelo como aquele, haja subterrâneos, e é também natural que sejam habitados por animais de espécies pouco conhecidas, mas a imaginação popular fez disso coisas misteriosas que não teem razão de ser.

O t l caminho subterrâneo para a Índia, é um argumento claro que mostra quanto as lendas aumentam os factos.

A êste tempo já estava com bastante sono e fui-me logo deitar, não tardando a sonhar, com lobisomens, com bichos, etc. Mas na manhã seguinte já estava pensando se ouviria mais contos como na véspera.

Estas narrações contadas por quem eram, tinham um encanto que até hoje não tenho encontrado.

É com profunda saudade que escrevo estas linhas, pensando em tempos que nunca mais voltarão.

Benfica, 7 de Fevereiro de 1918

Rócel A. de Oliveira
(4.º ano industrial)

Que ventania!

Era num dêsses dias de pleno inverno!
Em que o vento solta um sibilar natural.
O sol entre as nuvens, vinha amiúde beijar,
A lassa terra envolta num flébil menear.
Os pinheiros gemiam em constante convulsão,
Desprendiam-se as fôlhas, rolavam p'lo chão;
Um ruido ao longe, um murmúrio sem cessar
Vinha da viração funérea do mar.

. . . . . .

Passava saltitante, um tremular de danças,
A nortada impiedosa solta-lhe as tranças,
Desmancha-lhe as pregas finas do vestido,
E, de quando em quando levanta atrevido,
A saia clara, deixando assomar o pèzinho
Que num rodopiar mais se vê um pedacinho.
Ela finge arreliar-se com a indiscrição
Da ventania agreste, e naquela ficção,
—Vaidosa, não desgosta de exibir em tôrno
O garbo do pequeno pé e seu contôrno;
E se acaso passa algum admirador,
Pede a Éolo, —com certeza, um sopro com furor.

Acácio M. Cabral
(6.º ano industrial)

N.º 18 Março 1918

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

Ao escurecer.....	*José Júlio Denis*
A abelha.....	*Manuel L. de Sousa*
A trança doirada	*Isidoro J. Brito*
A morte do «Fidalgo»....	*Edmundo Benades*
Miragens de Outono.....	*Isidoro J. Brito*
Ecos.....	*A Direcção*
Cruzadas do oriente....	*Fernando Córado*
Pela encosta	*Rócel A. de Oliveira*
Crónica desportiva.....	*Eduardo M. Centeno*

Preço 4 centavos

1918
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
Mário Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Acácio Monteiro Cabral, Manuel L.cas de Sousa e João Augusto Cardoso

Sec. da redacção: José Roxo
Direct.: José C. Barroso J.or

N.º 18 — 3.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Março de 1918

Ao escurecer

Num formoso dia estival, antes de se extinguir a claridade no horizonte pode disfrutar-se um panorama soberbo das eminências daquela serra.

Os lírios com o seu azul finíssimo, o amarelo pulcro dos goivos, a impoluta alvura dos malmequeres e as alfombras côr de esmeraldas esmaltadas de aveludada relva, formam um matiz tão concentrado que mal poderia ser reproduzido pelo pincel do mais hábil artista.

As boninas espreguiçam-se pelas encostas, enquanto a madre-silva caindo em cachos do alto dos valados, apresenta, inefáveis grinaldas decorativas.

O sol esparzindo os rutilantes raios sôbre as amadurecidas messes ligeiramente onduladas pelo sôpro fagueiro do Zéfiro, faz parecer de oiro as loiras espigas.

Nas campinas matizadas de ebúrneas casarias, trabalha ainda com virilidade o infatigável lavrador, regando com o suor do seu rosto a terra, ponde há-de arrancar honesta e pertinazmente, os elementos indispensáveis à vida.

Aspirando a largos haustos o ar puro duma atmosfera balsâmica e diáfana que os torna expansivos e fecundos, os enérgicos camponeses praticam as mais rudes ocupações entoando cantos de gratidão à natureza tão pouco avara dos seus dons.

Numerosos rebanhos de carneiros andam pastando a herva macia dos prados, enquanto o pastor encostado ao forte cajado, segue com a vista as volúveis mariposas, que adejam insanamente por entre os glaucos campos de centeio; nas desertas colinas as cepas dobram-se ao pêso exuberante da uva que há-de cachoar nos lagares em catadupas espumantes de generosos vinhos.

Os murmúrios bucólicos das águas repululantes dos regatos, os acordes melodiosos dos melros e o ciciar ameno da folhagem ao sôpro subtil das auras vespertinas, causam deleitação e saudade ao observador dêste grandioso quadro.

Por toda a parte se ouve o rodar vagaroso dos carros e o zumbir das solícitas abelhas que recolhem aos seus cortiços depois de terem secrestado o néctar açucarado das policrómicas florinhas tão necessário para a obra grandiosa dos seus favos.

No fim do outeiro o rio corre serenamente por entre choupos e salgueiros, reflectindo como um espelho de prata burnida o azul imaculado do firmamento.

Todos abandonam os seus labores; ranchos de lépidas raparigas vêem cantarolando de braço dado apesar das extenuantes fadigas do trabalho.

As suas vozes cristalinas vão confundir-se com o gemer flébil das noras, ou com o pipilar das avezinhas que gorjeiam os últimos cantos ao fenecer o esplendor do dia.

O sol esconde-se e com êle desaparesse o rubro opalino dos arrebóis; tudo perde a côr: as flores fecham as suas corolas, exalando as suavíssimas fragâncias dum recatado turíbulo da Pancaia.

No campanário da igreja soa o misericordioso toque das Ave-Marias, um silêncio profundo invade a natureza, interrompido apenas de intervalo a intervalo pelo tilintar das campainhas dos gados, que veem recolhendo aos seus apriscos.

O ladrar dos furiosos lebreus, o piar fatídico dos ominosos mochos, tornam ainda mais deliciosa e elegíaca a soledade absoluta dos campos.

A caliginosa noite vem-se aproximando: no espaço principiam já a aparecer as fulgentes constelações de estrêlas, indicando tácitamente os mistérios que se encerram nessa magestosa Cúpula — o céu.

José Júlio Denis
Aluno do 5.º ano comercial

Nos prezados assinantes que ainda não satisfizeram os seus débitos, pedimos que o façam com a maior urgencia, visto que lutamos com grandes dificuldades.

A DIRECÇÃO

A ABELHA

Entre todos os insectos a abelha ocupa sem dúvida um dos primeiros lugares.

Todos nós conhecemos êsses úteis e interessantes animais, que à custa de enorme fadiga e trabalho nos dão o seu perfumado mel.

São as abelhas que voando de campo em campo, de flôr em flôr, vão a pouco e pouco recolhendo o néctar, o pólen, para no descanso dos seus cortiços, ao abrigo dos raios do sol, laboriosamente produzirem o mel tão saboroso e a cera tão útil.

Devo, porêm, desde já acentuar que pretendo apenas fornecer umas bréves noções aos que se derem à fadiga de ler o artigo; e nessa orientação principio pelos métodos de cultura, êste dando ligeiras indicações sôbre as abelhas e seus serviços e em seguida, simples noções sôbre o mel e cera, sua extracção e utilidades mais correntes.

A sciência que trata da cultura das abelhas é a apicultura.

Vem de apis mellifica, nome scientifico da abelha, e do substântivo cultura.

Há duas espécies de cultura: apicultura fixista, ou fixismo e apicultura mobilista, ou mobilismo.

A primeira é aquela que desde tempos imemoriais se pratica: Metem-se as abelhas em caixas de madeira, colmo ou cortiça, onde elas laboriosamente constroem os favos que fixam às paredes da caixa.

Para se extrair o mel é necessário desmanchar a caixa e dai grande desperdicio de mel, afora os insectos que morrem.

A segunda, é a apicultura praticada pelos métodos racionais e higiénicos, isto é, a apicultura moderna.

Faz-se por meio das colmeias de quadros, ou colmeias móveis.

São colmeias, em cujo interior se podem colocar um certo número de quadros com favos já feitos, onde as abelhas depositam o mel.

Assim o apicultor pode dentro da própria colmeia mudar de lugar os favos, substituí-los por outros, passá-los de uma colmeia para outra e finalmente extrair-lhes o mel.

Passemos agora às abelhas, e à sua vida e ocupações.

Como todos nós sabemos em cada colmeia há uma abelha mãe, ou rainha, e um grande número de obreiras ou operárias, número que varia entre 18.000 a 40.000 e que em algumas atinge muito mais, e umas centenas de machos ou zangãos.

Pôsto isto, vamos descrever rápidamente os caractéres de cada classe.

A abelha mãe, é maior que qualquer outro indivíduo da colmeia.

Tem o abdómen mais comprido que os outros individuos, sendo formado por 7 aneis.

As pernas são lisas, ao contrário das operárias.

É fecundada uma única vez e sempre nas altas regiões do espaço. Possue um aguilhão, curvo e comprido, do qual só faz uso quando em luta contra outra abelha mãe.

As obreiras são fêmeas como a rainha, mas devido ao atrofiamento do seu ovário não podem proliferar.

O seu aguilhão é direito e menor do que o da rainha. O abdómen tem 6 aneis.

E' essencialmente caracterizada pela conformação das suas pernas posteriores destinadas a colher os materiais necessários à vida.

Para isso o primeiro artículo do tarso, tem o lado interno forrado de pêlos, é a escova; e nas pernas posteriores há uma cavidade, igualmente forrada de pêlos que é denominada, saco ou corbelha.

E' com êstes simples aparelhos que as abelhas apanham e conduzem o pólen para o cortiço onde com o néctar o transformam em mel.

Falta-nos sómente estudar os zangãos:

São maiores que as obreiras, e menores que as rainhas, tendo o abdómen mais redondo. Ao contrário das outras duas espécies, não teem aguilhão. São completamente inofensivos pois não possuem nenhum meio de ataque nem de defesa.

Passemos aos serviços prestados pelas abelhas:

Á abelha mãe é confiada a postura dos ovos nas células.

Mas que é uma célula, perguntareis vós?

São as pequenas divisões dos favos.

E que é um favo? E' o que vos vou explicar.

Os favos são placas de cera, constituídas por duas camadas de células exagonais, que se tocam pe'os fundos. Podem-se dividir as células em 3 classes, conforme o seu tamanho e feitio. Assim as maiores, em forma de lande, são de abelha mãe; outras de formas irregulares e menores do que as da rainha, são as de zângão; e umas ainda mais pequenas que qualquer das outras e exagonais, as de operárias.

E' sobretudo na alimentação dada às larvas que reside o segrêdo da abelha, permitam-me o termo, e tanto assim, que quando sucumbe

uma rainha, ou é morta pelas obreiras por já não pôr ovos, estas vão a uma célula qualquer, arredondam-na, e ministrando à pequena larva uma papa especial, obteem a rainha de que carecem. Repetindo, é pois nos alvéolos ou células que as abelhas mães depositam os ovos, que vão dar origem aos novos insectos.

Mas continuemos e passemos às obreiras.

Podemos dividí-las em 3 categorias: fornecedoras, cerieiras e ménagères.

As fornecedoras são aquelas que vão à busca dos materiais necessários á familia.

Cerieiras, são aquelas que fabricam a cera necessária para a fabricação dos favos. Com as colmeias móveis o papel de abelha cerieira tende a desaparecer, pois o seu principal trabalho é feito pelo apicultor.

As ménagères são aquelas que, como o nome indica, tratam do lar e da alimentação das larvas, (Pedimos desculpa do termo francês ménagère, de que não conseguimos arranjar sinónimo). Todavia dentro desta última classificação ainda temos as sentinelas, que são as encarregadas de vigiar pela defesa do cortiço. pois que até entre êstes metódicos e perseverantes animais, há o espirito de rapina. Assim quando há uma colmeia fraca, ou doente, ou que tem muito mel, as abelhas dos outros cortiços, assaltam na. E se conseguem levar de vencida os defensores, colmeia e provisões são postas a saque. «Vae victis»! ai dos vencidos, só escapam as larvas e a abelha mãe.

E' a luta pela vida. E' o mais forte suplantando o mais fraco.

Eis, pois, o papel das sentinelas: repelir qualquer ataque à cidade. Temos ainda as varredoras, que se ocupam em transportar para fora da colmeia todos os detritos juntamente com os cadáveres das suas companheiras que durante a noite tenham morrido.

Por último temos as ventiladoras que, como o seu nome indica, são as encarregadas da ventilação do cortiço; colocam se à entrada da colmeia, agitando constantemente as asas.

No inverno as abelhas imobilizam-se sôbre os favos, para obterem com o calor dos seus corpos a temperatura necessária ao desenvolvimento dos ovos postos pela rainha.

Vamos agora aos zângãos:

Os únicos serviços que prestam, consistem em fecundar as abelhas mães, virgens, e quando as primaveras são frias contribuirem com as obreiras para o aquecimento das larvas da ninhada.

É sempre, como já atrás disse, quando o ar está tranqüilo e o sol radiante de brilho e esplendor que a abelha mãe, virgem, é fecundada.

Após o seu nascimento ela passa os sete dias seguintes em adquirir a robustez necessária ás suas asas.

Então sai e dá umas poucas de voltas em redor da colmeia.

A êste tempo já os zângãos da sua colmeia e os das mais próximas andam voando em tôrno dela. E a abelha mãe docemente levanta voo para as altas partes do espaço.

Os zângãos seguem-na em turbilhão.

Mas a pouco e pouco vão rareando....

Enfim! Quando é só um que a segue, a rainha mãe entrega-se-lhe. Depois de fecundada regressa à colmeia donde nunca mais sai. Põe um grande número de ovos, elevando-se na primavera o seu número a 3.000 em 24 horas.

A evolução do ovo leva tempo diferente para cada individuo.

Assim: as abelhas mães levam 15 a 16 dias, as obreiras 20 a 21, e os machos que são os mais preguiçosos, 24 a 25.

Igualmente varia o tempo de vida de cada individuo: As rainhas vivem 5 anos, embora ao terceiro comecem a pôr menos até que param de todo; as obreiras duram 6 semanas, excepto as que nascem no outono que passam o inverno muito sossegadamente dentro das colmeias; os zângãos vivem dois a três meses, êstes são excessivamente glutões, pois comem quatro vezes mais que uma operária, mas chegando o fim do verão, se ainda vivem alguns, as abelhas matam-nos, porque não admitem entes inúteis.

As próprias abelhas mães cessando a postura são mortas para darem lugar a uma nova rainha que vem continuar a obra sagrada da reprodução.

São vários e numerosos os inimigos das abelhas: Uns assaltam-lhes as suas provisões de mel, outros dão-lhes caça para as comerem. Nos primeiros temos as formigas, que em 24 horas inutilizam a mais forte colmeia; e a *tinha*, que para se introduzir nas colmeias, muito engenhosamente põe os ovos nos estames das flores, donde as abelhas, quando colhem o pólen, os levam para dentro da colmeia e aí fazem a sua eclusão.

As abelhas dão lhes caça e só escapam quando encontram alguma fenda onde se possam esconder.

Temos ainda a esfinge, borboleta noturna que, introduzindo-se nas colmeias, chega engulir 50 a 60 gramas do precioso mel.

As abelhas, se as podem apanhar matam-nas e tiram-lhes o mel que elas roubaram.

As andorinhas são também inimigas das abelhas; chegam a devorar centenas delas por dia.

Os sapos e os lagartos são gulosos de mel e ainda as aranhas fazem cair nas suas teias as incautas abelhas.

Muitas destas fazem a sua residência nas flores e aí traiçoeiramente esperam as abelhas quando elas vão à busca dos seus materiais.

As abelhas também são muito sujeitas a doenças, sendo as principais, o loque, cólera ou podridão, a desinteria e o bolor.

E'-se levado a crer que estas doenças são devidas a deficiência na ventilação das colmeias.

As abelhas colhem nos vegetais três substâncias perfeitamente distintas: o própolis, o polen e o néctar.

O própolis é uma substância resinosa que se forma nos gomos terminais das plantas. Empregam-no no seu estado natural para envernizar e tapar alguma fenda da colmeia e para segurar os favos ao cortiço, no fixismo.

O pólen, é o gérmen fecundante das plantas que as abelhas colhem e levam para o cortiço, onde misturado com outras substâncias ou em natureza, quer dizer, tal qual colhido, serve de alimentação às larvas.

O néctar, substância açucarada que se produz na superfície de muitos vegetais, é principalmente segregado pelas glândulas néctares das flores.

Vamos agora ver como as abelhas fabricam o mel. A abelha tem dois estômagos: Um que é uma espécie de saco onde ela aglomera o néctar que colhe nas suas excursões pelos campos; outro, que é o estômago propriamente dito, em especial destinado ao uso do interessante insecto.

O néctar colhido depois de repousar algum tempo no primeiro estômago das operárias é por estas expedido, já transformado, e é em seguida encerrado nos alvéolos dos favos.

Logo que um alvéolo ou célula está cheio, as abelhas mergulham no mel o seu aguilhão. E' o que se chama curar o mel. Esta última operação tem por fim, desinfectar o mel, pois que elas ao mergulharem o aguilhão no mel deixam cair uma gota de ácido fórmico que é um poderoso antiséptico.

Por último fecham os alvéolos com uma ligeira capa de cera.

A armazenagem do mel faz-se sempre nos favos mais altos da colmeia, enquanto que a do pólen nas células dos favos em redor e mais próximas da ninhada. Com mel e pólen misturados, formam as abelhas o caldo que serve para a alimentação das larvas.

Vamos ver agora como se pratica a extracção do mel.

Principiaremos pelo mobilismo.

Neste sistema a colheita do mel pode-se fazer muitas vezes durante o ano. Mas em geral é em maio ou junho que se faz a cresta do precioso líquido.

Para isso o apicultor cobre o rosto com uma máscara ou simplesmente uma tule e enfia nas mãos um bom par de luvas. Dirige-se à colmeia que vai crestar, e com todo o cuidado põe a descoberto os quadros que vai tirando, defumando em caso de necessidade. Os quadros cheios de mel são em seguida levados ao extractor.

Este é um aparelho que fundando-se na fôrça centrifuga extrai o mel dos favos.

Para isso temos primeiramente de desopercular os favos, o que consiste em destapar os pequenos alvéolos cheios de mel, que sendo em seguida engarrafado fica desde logo apto a servir.

No fixismo a colheita faz-se no fim do verão, sendo os favos mais recentes os de melhor mel.

Há vários modos de proceder à sua extracção: No norte e centro do país, tira-se a tampa aos cortiços, e extraem-se, por meio de uma espátula, os favos superiores, que, como já foi dito, são os que conteem em geral o mel. Antes, porêm atordoam-se as abelhas fazendo algum fumo.

No Alentejo e sul, sujeitam-se os cortiços mais pesados ao fumo do enxofre ou ao de uma fogueira.

Abrem-se depois os cortiços. Da massa que êles conteem é que se extrai o mel.

Pode-se calcular que mel será êsse. E' um mel formado tanto num como noutro processo de uma amálgama de mel, pólen, larvas e abelhas.

O mel fica sempre sabendo a cera, escuro e de má qualidade. E' êste o mel português.

Infelizmente, embora seja triste confessá-lo, o nosso lavrador que possui algum cortiço, não faz distinção alguma de qualidades.

Comercialmente há quatro categorias de mel: virgem ou branco superfino, fino ou branco fino, amarelo ou comum, e escuro ou ordinário.

Ainda que não bastassem as vantagens de ventilação das colmeias, para comodidade das abelhas, da fiscalização permanente do apicultor, e da mudança de favos de uma para outra colmeia, etc., bastava a extracção do mel no mobilismo, tão racional e higiénica, para triunfar completamente sôbre o fixismo que dá um producto inferior e pouco higiénico.

Hoje o fixismo tende a desaparecer perante os modernos processos de apicultura.

O nosso Instituto tem um pequeno colmeal, na 2.ª secção, empregando colmeias móveis, que tem dado resultados animadores.

Bom seria, que o seu número fôsse aumentando e que se adquirisse mais algum material apícola, não só para se obter maior rendimento, mas também para estudo.

E dito tudo isto acabemos as nossas considerações sôbre o mel e passemos às da cera.

A cera é a substância de que são formados os favos. E' segregada pelas glandulas cerieiras da abelha, que estão colocadas ao nível dos aneis do abdómen. Com as pernas posteriores, as abelhas destacam as pequenas lâminas de cera, levam-nas às mandíbulas, e daí à boca, onde são mastigadas de modo a torná-las maleáveis e aptas para serem trabalhadas. A extracção da cera faz-se por vários processos, baseando-se porêm todos na fusão da cera.

O primeiro é pela fusão desta em água a ferver. Os favos, depois de extraído o mel, são lavados em água que depois para a fabricação, do hidromel como mais adiande veremos.

Os favos são em seguida metidos em água que se faz ferver; a cera derrete-se sobrenadando e passa-se em seguida tudo por um crivo, onde ficam retidas as impurezas.

Por meio do vapor de água: expõem-se os favos dentro de uma rede de arame fino ao vapor de água. A cera funde e cai no recipiente onde está a água a ferver. Na rêde ficam as impurezas.

Por último temos o calor solar. Os favos são expostos em uma caixa com tampa de vidro aos raios solares que incidindo perpencircularmente sôbre ela fundem a cera que está colocada sôbre uma rêde, e que cai para o fundo da caixa. Em cima na rêde ficam as impurezas com alguma cera.

Este processo é o que dá a cera mais pura. A cera assim obtida é compacta e cheirando a mel. Comercialmente temos duas qualidades de cera.

Cera bruta ou em bruto, que é aquela que se extrai pelos processos acima descritos, e cera virgem ou branca que é a cera bruta branqueada pela acção do cloro. Igualmente se branqueia pela exposição ao ar à luz e à humidade.

A cera é muito preciosa para as abelhas, pois que para fabricarem um quilo de ela está hoje provado que necessitam 7 a 10 quilos de mel.

Eis mais uma vantagem do mobilismo sôbre o fixismo, pois que o apicultor pode simplificar muito o trabalho principal das abelhas, moldando os favos.

E com isto temos dito tudo o que nos foi possível coligir sôbre o mel e as abelhas.

Falta-nos só, pois, falar muito resumidamente, da utilidade e emprêgo do mel e da cera, mas não temos ,estudo, nem bases suficientes.

Principiaremos pelo mel.

Emprega-se vulgarmente, como nós sabemos e temos experimentado, como adoçante e substituindo a manteiga quando estendido no pão, etc... É matéria prima na confecção de dôces, servindo também para preparar diferentes licores e aguardentes, tais como Chartreuse, hidromel, etc...

O hidromel é o resultado da fermentação da água com mel, que se obtêm da lavagem dos favos depois de extraído o mel. Tem o mel muitos e vários empregos na medicina pelas suas qualidades laxativas, e emoleintes. São inúmeros os medicamentos feitos com êle.

A cera é muito empregada na fabricação das velas e na de cosméticos. Como o mel entra igualmente em varios medicamentos farmacêuticos tais como ceratos, emplastros etc... É matéria prima muito empregada nas Belas-Artes para moldagens.

Manuel L. de Sousa
6.º ano de comércio

A trança doirada

Morrera lhe a mulher. E o pobre do pintor,
Perdida a doce vida e as crenças radiosas,
Chorando as ilusões daquele tão grande amor,
Bebia, p'ra afastar as máguas cancerosas.

—Do cális desta vida as fezes dolorosas,
Exgotei a pouco e pouco em sonhos d'almo ardor,
Por isso eu quero em ti, oh! néctar de oiro e rosas,
Achar o esquecimento, o lenitivo à dor!—

Assim falava o triste. Ouvia-se dizer:
—Olhai! como êle já bebe e ri como um devasso,
E folga alegremente aquele sinistro abôrto!...

Até que numa noite o foram dar por morto
Cingindo ao coração num amoroso abraço
Uma trança doirada e sêca de mulher!...

Isidoro José de Brito
(Aluno do 6.º ano comercial)

A morte do "Fidalgo,,

A amizade que êste animal adquiriu entre todas as pessoas que o conheceram, leva-me a exarar aqui um ligeiro preito de homenagem, resumo da sua vida, e desculpem os nossos leitores, se os enfadamos.

Um dia apareceu-nos alegre e dedicado um pequenino cão, que com as suas brincadeiras nos divertia, fazendo-nos passar mais descuidadamente os nossos intervalos de recreio.

Acompanhava-nos sempre e sempre folgazão. Quando voltávamos para a aula, ia-se deitar olhando para nós ternamente, como que a partilhar connosco da seriedade e importância do nosso estudo. Assim foi crescendo sem lhe faltarem carinhos que a sua afeição bem merecia, até que chegou à idade em que qualquer animal deixa as brincadeiras dos primeiros anos, para entrar numa fase mais calma, tornando-se menos irrequieto.

Assim êle também fez-se mais indolente, deixando de acompanhar-nos e passando o tempo deitado em completa indiferença, como quem já não preza a vida, até que, há pouco, foi encontrado deitando sangue pela boca, reflectindo a frouxa vida nos seus olhos já baços de moribundo. Passado pouco, fixando os olhos vítreos nas pessoas que o rodeavam, despediu o último alento da vida, num adeus saudoso aos seus amigos.

Foi enterrado numa sepultura simples e humilde, coberta de flores, como sincero testemunho da nossa estima para um ente que apezar de irracional, mostrou sentimento de ternura e gratidão, que muitos mortais nunca experimentaram.

Edmundo Benades
(5.º ano industrial)

Miragens de Outono

I

A ÁRVORE

Árvore triste e humilde, porque choras?
Porque te oiço ranger com tal ardor?
Ai!... diz se é de saudade, se é de dor,
—Pois da vida são dores todas as horas!...

Que de vezes floriste! e que de auroras
Aves por ti gorjearam com amor!
E quanta vez ao rude lenthador
A sombra dêste e as ramas gemedoras!...

Já forte foste e bela e adorada,
Quando em noivado idílico e fremente
As flores e o luar te amaram estreitamente...

Mas hoje só, sombria e abandonada,
Fogem-te as folhas, flores, aves e luar,
Foge-te a vida negra a soluçar!...

Isidoro José de Brito
(Aluno do 6.º ano comercial

ECOS

Tivemos há pouco a inexcedível honra de sermos visitados pelos Ex.mos Ministros da Marinha e da Instrução.

Depois duma demorada visita às oficinas, escritórios e outras dependências do Instituto, realizou-se um pequeno exercício militar, executando a Tuna, finalmente, vários números do seu belo reportório, sob a direcção do nosso professor de música, o Sr. Costa Brás.

S. Ex.as sairam do Instituto excelentemente impressionados depois de terem deixado no livro de visitas as impressões que abaixo transcrevemos e que bastante dignificam esta bela obra da República.

« Felicito-me pela visita que acabo de fazer, e felicito sobretudo a República pela instituição que criou.

É uma instituição modelar sôbre todos os pontos de vista aliando à instrução a educação e a ambas o trabalho filho da disciplina e da ordem.

Necessário se torna que êste estabelecimento se desenvolva para servir de exemplo e para que o exemplo e a obra frutifiquem.

É certo, ela frutificará, aproveitando-se e escolhendo-se os homens para o desempenho de funções em que se especializaram e bem se escolheram os competentes para nos mostrarem nesta escola modêlo o muito que podem fazer o amor e a dedicação, se o Estado como lhe compete, cooperar e há-de cooperar numa obra como esta, de resurgimento.

25-2-918.

a) *Aresta Branco*
Ministro da marinha

Não vejo há muitos anos em Portugal senão a fúria de destruir, anarquizar, dissolver. É tempo já de começar a construir e organizar.

Êste Instituto, obra essencialmente republicana, representa uma grande lição e um notável protesto! Vejo nêle um formosíssimo programa de reconstituição nacional.

Aqui se ensina, a dentro do mais perfeito condicionalismo pedagógico, em que nada falta, desde os atributos da natureza até à devoção dos mestres como é possível com a massa plástica dos nossos filhos fazer outros portugueses, os portugueses de amanhã, mais felizes que nós.

25-2-918.

a) *Alfredo de Magalhães*
Ministro da Instrução

*

Encontram-se no gôzo de licença e deram-nos o grande prazer da sua vizita, gentileza que muito reconhecidos agradecemos, os Srs. Capitães Sá da Costa, Rui Ribeiro, e Tenente João Ribeiro Gomes, respectivamente provisor e professores neste estabelecimento.

É com imenso júbilo que felicitamos em nome de todos os nossos colegas, os alunos da escola de Guerra, Soares Pinto, Rosa, Salvador, Lampreia, Mendonça e Malaguerra, nossos camaradas do ano passado e que obtiveram no 1.º periodo escolar óptimas classificações que muito honram o nosso Instituto.

Igualmente endereçamos felicitações aos nossos camaradas que se encontram na Escola de O. M.: Franco, Marques, e Leonel, pela sua recente promoção ao posto de 1.º sargento.

Cruzadas do oriente

No tempo em que a religião cristã imperava na Europa com requintes de fanatismo, organisaram-se, para libertar dos infiéis os lugares Santos, expedições cristãs, a que se deu o nome de Cruzadas. Tinham estas o carácter a um tempo religioso e Militar.

O ardor religioso que nos povos europeus estava vinculado, foi decerto a causa principal de semelhantes empresas nas quais tomaram parte comum alguns povos da Europa, impelidos pelo fanatismo dessas crenças.

Concorreram tambêm para o mesmo fim o espirito aventureiro que a cavalaria da idade média tinha introduzido na Europa e que despertava o entusiasmo por tudo quanto se reputava novo e extraordinário.

Os privilégios que a egreja concedia aos cruzados e o desejo que os reis tinham de se verem livres dos seus vassalos turbulentos e poderosos, como eram os senhores feudais, a ambição de expandir-se que a sociedade Europea começou a sentir, e a vontade de sair do estreito recinto em que até ali se achava encerrada, foram tambêm causas das cruzadas do oriente.

Houve várias expedições e embora os cruzados só momentaneamente alcançassem o seu objectivo, o facto é que, a par dos inconvenientes que essas cruzadas trouxeram, como a perca de muitas vidas e de muitas riquezas, delas nos vieram muitíssimos e importantes beneficios: religiosos, politicos e Económicos.

Foi durante o tempo das cruzadas que as relações comerciais atingiram o máximo desenvolvimento entre o oriente e o ocidente, conhecendo se entao naquela época muitos produtos asiáticos. Ao passo que a navegação se desenvolveu extraordináriamente, a indústria passou a ter um elevado gráu de prosperidade.

Tambêm os cruzados enfraqueceram o poder feudal: pondo o suzerano a combater por fim ao lado do vassalo.

O Feudalismo acabou quási por completo pela morte de muitos senhores e pelo empobrecimento de outros. A autoridade e o poder rial aumentaram e engradeceram-se; desempenharam tambêm as cruzadas um importantissimo papel nas crenças religiosas porque contribuiram muito para despertar vivamente a fé christã em toda a Europa e fazendo por estreitar mais os laços que uniam todos os membros do cristianismo, não obstante terem aumentado o poder temporal e espiritual do papa.

Tambêm as letras e as sciências experimentaram um considerável avanço devido à sua influência.

Os conhecimentos históricos e geográficos dilataram-se, contribuindo elas igualmente para o aperfeiçoamento da lingua, e bem assim de outros ramos scientificos, tais como: a matemática e astronomia trazidas da civilização árabe para a Europa.

Fernando Córado
(4.º ano comercial)

Pela encosta

A caminho do refeitório lá vamos subindo a encosta.

Ainda não rompeu o dia.

As estrêlas refulgem no firmamento, esperando a chegada do Sol, para como humildes servas se eclipsarem à sua chegada.

Para as bandas de Lisboa, veem-se raras luzes e como que coroando a massa sombria das casas, uma aurérola de nuvens brancas e rosadas que se destacam do escuro do céu.

Para a nossa rectaguarda estende-se a serra do Monsanto, destacando-se do seu cume o forte, e mais abaixo, como que fazendo-lhe sentinela um arruinado moinho.

As árvores que orlam a encosta agora apresentando-se negras, dão-lhe um aspecto sombrio.

O silêncio é apenas interrompido pelo ruido da nossa marcha e pelos lamentos dos ramos das árvores, que são açoitadas por uma fresca viração.

A vida nos seus três reinos, ainda não despertou do letargo em que jazia durante a noite

Eis aqui, meus caros leitores, o começo da nossa faina escolar.

Despertámos, aos sons lançados pela corneta tocando a alvorada, um tanto ou quanto estremunhados, mas que a água do banho se encarrega de dissipar e depois de nos vestirmos, dirigimos-nos para o refeitório, como acabo de expor.

A volta é bem diferente.

Já sob a bela luz solar, nos dirigimos para as aulas, onde começâmos os trabalhos de cada dia.

Durante o dia fazemos o mesmo trajecto mais de duas vezes, e durante elas, que aspectos da natureza tão variados nós presenciamos.

Mas para outra vez continuarei. Entretanto lá vamos sob a luz das últimas estrêlas e do clarão da aurora que vem surgindo, subindo a encosta no meio de completo silêncio levemente interrompido.

Rócel de Oliveira.
(4.º ano industrial)

Crónica desportiva

Novamente êste ano concorremos ao Campeonato Escolar de Futebol, não inscritos em 2.as categorias, porque nos faltam elementos, mas sim em 3.as.

A falta de treinos, a deficiência de calçado, etc. muito têem contribuido para que nem sempre a sorte da vitória nos bafeje.

Mas entre todos os jogadores tem havido até hoje uma decidida vontade de honrar o Instituto, o que não tem só evitado derrotas tantas vezes previstas, mas até proporcionado algumas vitórias sôbre outros grupos desportivos.

Inscreveram-se na Associação Escolar de Futebol os seguintes alunos:

Como efectivos:

Pandaio — *Guarda rede.*
Denís — *Defeza direita.*
Moedas — *Defeza esquerda.*
Isidoro — *Meia defeza direita.*
Otelo — *Meia defeza centro.*
Correia — *Meia defeza esquerda.*
Cabral — *Avançada direita.*
Mateus — *Meia avançada direita.*
Matias — *Centro.*
Roxo — *Meia avançada esquerda.*
Luís — *Avançada esquerda.*

Como suplentes:

Mascarenhas, Cardoso, Mesquita e Cabrita.

Desafio realizado no dia 17 de Março contra a **Escola Ferreira Borges.**

O tempo estava magnífico e o campo em bom estado, facilitando assim o jôgo. Iamos defrontar-nos com um grupo com quem jogámos êste ano pela primeira vez.

A nossa linha era assim constituida:

Pandaio
Moedas *Correia*
Isidoro *Roxo* *Cardoso*
Mateus *Cabral* *Matias* *Luis* *Mesquita*

O desafio começou ás 15 horas no campo de Palhavã.

Na primeira parte há apenas a notar algumas avançadas do nosso partido, marcando-se duas penalidades a nosso favor, não conseguindo nós furar as rêdes.

E assim terminou a primeira parte ficando com 0 bolas a 0.

Decorridos os dez minutos de intervalo começou o jôgo mais encarniçado e numa boa passagem à meia ponta esquerda, está apanhando a bola a geito deu-lhe um forte pontapé, do que resultou uma bola. Tanto dum lado como do outro estão a jogar bem, mostrando nós entretanto superioridade.

Passados minutos, a nossa meia direita apanha a bola no centro e avança com ela até perto das redes adversárias, passando por alguns jogadores do partido contrário sem que nenhum lhe conseguisse tirar a bola. Mais um belo pontapé e marca-se a segunda bola para o nosso activo.

Estando quási a findar o desafio, houve uma certa confusão em frente das nossas redes conseguindo então êles marcar a sua primeira bola e a última da tarde.

Pouco depois o árbitro apitou, terminando o jôgo com a nossa vitória por 2 goals a 1.

Eduardo M. ent eno
(4.º ano comercial)

A ordem e a disciplina de homens livres são factores do progresso.

N.º 19 Abril 1918

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

Coronel Ortigão Peres ..	*Barroso Júnior*
A acção do homem sôbre a Natureza.....	*César Vidigal*
Impressões de Campo Maior	*Nascimento Cabrita*
O conselheiro infiel.....	*Júlio Gonçalves*
Os pescadores.....	*José de Almeida Amaral*
Crónica desportiva.....	*Eduardo M. Centeno*
Necrologia.....	*A Direcção*
Memórias dum alcatrus...	*Isidoro J. Brito*
Ecos.....	*A Direcção*

Preço 4 centavos

1918
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exérc.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

Coronel JOÃO ORTIGÃO PERES

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
Mário Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Acácio Monteiro Cabral, Manuel L.cas de Sousa e João Augusto Cardoso

Sec. da redacção: **José Roxo**
Direct.: **José C. Barroso J.or**

N.º 19 — 3.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Abril de 1918

Instituto Profissional dos Pupilos do Exército
BIBLIOTECA
Nº

CORONEL JOÃO ORTIGÃO PERES

A notícia da morte em Paris do Coronel do Estado Maior, Ortigão Peres, publicada pelos jornais do dia 18 de Março, causou no Instituto o mais justificado pesar e a mais viva emoção.

Militar ilustre, com uma folha de serviços verdadeiramente honrosa não só para êle, mas para o Exército, sincero republicano, na sua alma vigorosa e boa havia também um amor ardente e inexcedível à Pátria, ao serviço da qual pôs sempre todo o seu valor e inteligência.

Fazer a biografia do ilustre morto é tarefa difícil, porque só a pena consagrada dum escritor de mérito poderia dar o verdadeiro realce às suas excepcionais qualidades de carácter.

Mas, êle foi nosso Director e por isso um dever sagrado, um dever de gratidão nos obriga a prestar aqui o nosso preito de saudosa homenagem a quem tanto e tanto deve a generosa e bela instituição dos Pupilos do Exército.

Para nós deve merecer especial menção a sua obra tão inteligente e profícua dentro dêste estabelecimento de educação e instrução, porque a êle se deve a promulgação do decreto de 11 de Maio de 1916, pelo qual os cursos professados no Instituto são equiparados aos dos diferentes estabelecimentos congéneres, permitindo-se assim a entrada nos Institutos Superiores de Comércio e Técnico aos alunos habilitados com o curso secundário.

Igualmente se lhe deve a criação do curso de Sargentos, que é também uma das regalías importantes com que são beneficiados o Estado e os alunos.

E foi assim, com a organização dos cursos e ainda com a criação das oficinas e escritórios que, sob a sua direcção se conseguiu colocar êste estabelecimento tão útil ao lado das modelares escolas do País.

Por isso, apesar da sua curta existência, o Instituto pode orgulhar-se dos bons frutos que tem já produzido, porque nas Escolas de Guerra e de Oficiais Milicianos há camaradas nossos, como os há na Africa e por todos êsses quarteis e oficinas do país, honrando o seu nome e o do Instituto que os preparou.

Tal é o resultado da orientação que começou a imprimir-se sob a Direcção do Coronel Ortigão Peres, tão acertada, que engrandecerá cada vez mais uma das obras mais simpáticas e mais benéficas da República.

Mas o Coronel Ortigão Peres, aliava ainda às suas belas qualidades militares outros dotes que muito o notabilizaram nos meios político e social. Há quasi

um ano recebeu das mãos do govêrno português o alto cargo de Adido Militar em Paris. Foi mais uma demonstração de confiança que o país lhe conferiu, foi indubitávelmente o prémio do seu muito saber e inabalável dedicação à Pátria e à República.

A morte de militares como o Coronel Ortigão Peres, que à consideração de todos se impunha pelo seu espírito justo e culto de professor, pelas suas virtuosas qualidades de cidadão honesto e oficial disciplinador e disciplinado, constitue uma perda irreparavel para o Exército no momento em que se acentua a necessidade de chefes inteligentes e sábios.

Evocar o seu passado ilustre nas fileiras militares é dignificar ainda mais os seus galões conquistados à custa de muito estudo e sacrifício, porque êle era o oficial mais novo da sua patente e foi um dos grandes heróis que se bateram nas plagas africanas com galhardia, ganhando briosamente as mais altas e honrosas condecorações.

Como Chefe do Estado Maior do Corpo Expedicionário a Angola para subjugar o gentio revoltado, a sua acção foi tão profícua e a sua alta competência revelou-se tão evidente, que foi agraciado novamente.

Quis a morte cruel arrebatá-lo para o túmulo aos 45 anos, no momento em que mais uma vez ia cumprir os seus deveres de oficial brioso, de autêntico português, ao lado dos nossos irmãos de raça que nos campos de batalha da França, afirmam ao mundo inteiro que Portugal há-de ser grande, há-de viver, com o sangue e o sacrifício dos seus filhos queridos.

Morreu; dorme já o sono eterno numa gelada campa da terra francesa onde não poderão chegar nem a nossa dor sincera, nem o orvalho de tantas e tantas lágrimas piedosas vertidas por sua esposa querida e adoradas filhinhas.

E já que sôbre o seu sepulcro não podemos desfolhar as flores encantadoras dêste Portugal risonho, ao menos gravemos na memória pela existência fora, o exemplo irrepreensível e sublime dêsse bom português, dêsse heróico militar que fez do Instituto uma Escola modelo, digna da Pátria, legítimo orgulho da República que êle sempre serviu com aquela dedicação sincera, com aquele acrisolado amor e saber que ornam o caracter dos grandes cidadãos e dos grandes heróis.

José da Cruz Barroso Júnior
(Aluno do 6.º ano comercial)

A acção do homem sôbre a Natureza

Depois que a sciência proporcionou os seus métodos ao homem, é que êle começou a exercer a sua influência sôbre a Natureza.

Antes disso eram desertos, montanhas e grandes mares que, separando os homens e os continentes, se opunham ao avanço das ideas novas que a pouco e pouco se iam formando num ou noutro ponto da terra.

Mas o homem que tinha na sciência tudo o que necessário se tornava para pôr em prática as suas aspirações e assim mudar a face do globo, para poder dêle tirar o maior proveito, amoldou-se perfeitamemte às leis que ela lhe fornecia para assim vencer todos os obstáculos que se lhe antepunham.

Consegue-se por fim pôr em prática as leis scientificas que à custa de muito trabalho o homem formulou.

E que sucede?

Uma modificação completa na superfície terrestre, umas idêas novas para a humanidade.

Rasgam-se montanhas, cortam-se istmos, unem-se mares singrados por caravelas e que vão procurando novas terras, chegando mesmo aos lugares mais recônditos do globo; assentam-se linhas férreas e traçam-se canais que põem em comunicação os vários pontos do mundo.

Enfim! Talha-se um futuro novo para a humanidade e abre-se o caminho para a civilização e para o progresso, o que centuplicou a vida Industrial e Comercial.

E o homem, aproveita tudo que a natureza, lhe proporciona, e mesmo aquilo que até ali lhe parecia inútil tem para êle uma aplicação e uma utilidade que não é mister desprezar, pois que não modificando o seu modo de vida, dão a esperança de um desenvolvimento mais ou menos próspero.

Porêm a acção humana não se exerce sómente sôbre a terra; vai mais longe, o seu campo de acção é mais vasto, visto que chegou até à vida animal e vegetal e torna-se geralmente benéfica, porque empregando processos scientificos, conseguiu criar novas espécies e aperfeiçoar e aclimatar outras. Haja em vista o que aconteceu ao elefante que pela riqueza que encerrava originou criar da parte do homem uma perseguição tal, que quási conseguiu exterminá-lo

Hoje, que se reconhece a sua utilidade, procura-se multiplicá-lo, afim de que essa fonte de riqueza que todos conhecem, se não extinga, pois que em parte êle merece cuidados que outrora se desconheciam.

A aclimatação é também uma demonstração de influência benéfica que o homem exerce sôbre a vida animal e vegetal. Como ficou dito, o homem depois de muito trabalho e séculos conseguiu modificar quási totalmente a fisionomia do globo. As regiões desérticas, então intransitáveis são hoje atravessadas por numerosas caravanas, onde ordináriamente o homem formou deliciosos e confortáveis oásis.

Também as descobertas constituem um factor importantíssimo debaixo dêste ponto de vista.

É um exemplo bem frisante e sensível que pode muito bem servir de modelo para todos os casos, o descobrimento da América.

Nasceu um país que há apenas umas dezenas de anos era constituido por selváticas campinas, e florestas dissiminadas no meio de enormes planícies.

A Austrália outrora região desértica e selvagem, é hoje florescente, abundando aí trigo, e imensas raças animais principalmente: cavalares e caprinas. Os Europeus viram então nascer terras novas e formarem-se países que pelas suas riquezas naturais depressa constituiram fontes inexpugnáveis de riqueza.

Daí a saída de imensa gente das suas terras, aumentando ainda por várias razões de ordem política e interna, como sejam: a religião, a peste e a fome.

Estabelece-se então uma corrente, um movimento contínuo para novas regiões. É a isto que modernamente se chama Migração.

Mas esta desdobra-se, dando lugar à imigração e emigração.

Assim se tivermos em conta o movimento que se deu para fora da Europa, que nós chamamos emigração, veremos que a população que até então era constituida pelos naturais, selvagens, aumenta consideràvelmente e torna-se uma fonte de novas energias com hábitos de trabalho e civilização que com grande facilidade tirou da terra o maior e mais rápido proveito.

Para se fazer uma idêa bem nitida do que foi a emigração Europea, bastará notar que no ano de 1815 foi de 2.100 emigrantes, ao passo que em 1900 atingiu a importante totalidade de 9.000.000. Estes elementos que se fixaram ao solo das novas regiões e especialmente nos Estados Unidos, constituem hoje, e principalmente durante o estado de guerra, um perigo, se atendermos a que essas emigrações não colectivas, arrastarão milhares de famílias inteiras, que decerto tendem a esquecer o pouco de afinidade que teem para com o país de origem.

César Vidigal
(6.º ano comercial)

Impressões de Campo Maior

Não vou, caros leitores, fazer aqui uma descrição minuciosa desta célebre vila alentejana, porque me julgo incompetente para assim proceder. Venho talvez aborrecê-los com esta enfadonha leitura, mas eu parto dêste princípio: os que me seguirem façam melhor.

Ela não é uma pomposa povoação, embelezada por sumptuosos prédios. Não. Conquanto haja alguns notáveis, a maior parte, ou mesmo quási todos, são feitos pela banal alvenaria, e não pelos ricos mármores com que a acrópole do Tejo se reveste e extasia quem a contempla.

Aqui, estimáveis leitores, como a quási todas as vilas e cidades, ainda não chegaram as luzes

da moderna arquitetura; segue-se à risca a velha tradição.

As suas ruas são estreitas, algumas relativamente compridas, calçadas por enormes pedaços de granito, por onde os carros solavancam ruidosamente ao romper da explêndida aurora, e ao anoitecer, porque são as horas em que o movimento aparenta mais intensidade, motivado pelos rústicos camponeses.

São êles que se levantam com o nascer do sol e que partem alegremente para o labutar incessante da vida, regando com o seu bendito suor a santa terra que nos dá os meios necessários para a vida e que voltam à noite satisfeitos para o lar querido, depois dêsse moirejar.

Abençoada seja portanto a sua vida, que tão benéficos serviços presta à humanidade!...

Mas, continuando:

As praças e os largos são em número reduzido, existindo porêm na Praça da República, que é sem dúvida a melhór, o prédio mais artístico: o dos Paços do Concelho.

A sua aparência é nobre, e pena é que, a obra não fôsse concluida.

Todavia é um monumento de valor e já bastante antigo.

Existem alguns templos ricamente ornados no interior, principalmente a Igreja Matriz.

Eis acolá levantado altivamente o velho e memorável castelo, obra de El-rei D. Denís, o qual foi no ano de 1723 destruido quási completamente por um ráio que caiu no paiol.

As obras foram mais tarde mandadas começar por D. Manuel, mas a sua construção pouco progrediu, e só no reinado de D. João IV é que ficou a vila por assim dizer fortificada e defendida por 9 baluartes e 2 fortes.

Mais tarde D. João V, julgando ainda insuficiente êstes meios de defesa, visto a sua posição estratégica, mandou ampliá-los, ficando assim com 10 baluartes e os competentes revelins, fossos, etc.

Foi Campo Maior uma praça de guerra importante que, com as suas muralhas faz lembrar algumas páginas gloriosas da lusa história.

Assim no ano 1712 sustentou heroicamente um cêrco pôsto pelos espanhois, que, depois de algumas perdas, tiveram que levantá-lo.

No ano de 1801 foi-nos tomada por êles, mas restituida pelo tratado de Badajoz. Últimamente em 1811 passou às mãos dos franceses, durante as invasões Napoleónicas.

Mas, essas grandes construções já há alguns anos que começaram a ser derrubadas, pois que se vai reconhecendo de que nada servem para a guerra moderna.

O lado onde existiam há aproximadamente 12 anos umas portas, está agora convertido no desafôgo da população, e lá se encontra a denominada Avenida.

Esta é um aprazível lugar, onde escolhidas plantas se desenvolvem em cuidados canteiros, e onde todas as belas tardes, passeia alegremente a requintada Elite Campomaiorense.

Do lado direito da Avenida encontra-se um mediano largo, recentemente arborizado, com um pequeno restaurante onde também a aristocrata sociedade passa amenas tardes.

Entre o citado largo e a Avenida, lá está ao vento, à chuva e ao sol, o grande barracão animatográfico, precisando que lhe abram as portas, para se lhe renovar o ar, pois passam-se dias, semanas e meses, sem que lá entre viva alma.

Esquecia-me de dizer, se não ouvisse o estridente apito da nossa vizinha fábrica, que existe a uns 100 metros do Salão Animatográfico uma Fábrica de Moagens a Vapor, que funciona há alguns meses.

E eis, meus amigos, que para terminar ainda citarei um dos melhores pontos, o de S. Joãozinho, que fica situado nos arredores da vila, entre férteis terrenos, onde a luxuriante vegetação se desenvolve, dando àquele lugar um aspecto risonho e encantador, que atrai a hospitaleira gente que ai realisa as suas alegres jantaradas.

Nascimento Cabrita
(Aluno do 4.º ano comercial)

O conselheiro infiel

(CONTO)

Em tempos que já lá vão, andavam duas nações envolvidas em guerra, por causa da ambição de uma delas.

Aconteceu que a ambiciosa foi derrotada e teve de pagar uma indemnização pelos estragos causados, o que deveria ser pago em diamantes, rubis e esmeraldas.

Conferenciara o rei vencido largamente com o seu conselheiro, sobre o modo de transportar a grande soma que devia ser entregue no praso de 3 dias; e concordaram meter as joias numa carroça, cobrindo-a com palha afim de evitar suspeitas.

O conselheiro, excitado pela cubiça de tão grande riqueza, atraiçoou o seu rei e quando se dirigia para casa encontrou um mendigo que lhe pediu esmola. Disse-lhe: «segue-me se queres ser rico»; ao que o pobre respondeu

afirmativamente. O conselheiro pensou um pouco e continuou: «deixa-te ficar naquela estrada e quando vires passar uma carroça cheia de palha matas o condutor e avisa-me em seguida.»

Senhor, responde o velho: «prefiro andar antes na estrada estendendo a mão à caridade pública do que num palácio, vivendo com dinheiro rubro de sangue de um homem que nem sequer conheço»; e afastou-se.

O conselheiro não desanimou do seu ruim intento.

Disfarçou-se, e quando passava a carroça assassinou o condutor, apoderando-se do tesouro que conduziu para a sua estrebaria.

Voltou novamente à côrte, e como a guerra tivesse recomeçado, e o rei atraiçoado tivesse perdido os seus generais, nomeou-o comandante de um dos corpos do seu exército. Este na frente da batalha foi atingido por um estilhaço de granada que lhe mutilou as pernas. As dôres eram horriveis; e julgando que ia morrer, o infiel conselheiro pensou: «bem mal fiz em ter roubado a indemnização que poria termo à guerra»

O remorso apoderou-se dele e pediu a um amigo que lhe desse papel e lápis. Dirigiu ao rei uma extensa carta narrando os factos passados, o lugar onde escondera a riqueza, as palavras do misero velho, enfim: tudo que com êle se passou. O velho que era o mendigo, levou a carta ao rei, mas compadecido do lastimoso estado do conselheiro preveniu um médico da ambulância próxima. O rei sabendo da deslealdade do seu conselheiro e da honradez do mendigo, mandou recompensar largamente êste, e disse que nunca mais queria ver aquele infiel cortezão.

No entanto o cirurgião conseguiu salvar da morte o conselheiro que havia sido castigado justamente.

Passados tempos via-se na estrada onde costumava esmolar o nosso mendigo, sentado num carrinho, um homem horrivelmente mutilado dos membros inferiores e de longas barbas brancas.

O seu semblante pálido, refletia as amarguras dum passado tão grande e tão indecoroso.

Era o conselheiro que expiava as suas culpas.

Júlio Gonçalves
(Aluno do 4.º ano industrial)

A oficina eleva o homem porque representa o triunfo da razão sobre a matéria.

Os peseadores

Na aldeia costeira, exposta ao mar
E do vento agreste ao contínuo arfar,
Vivem em alcateias, fortes pescadores,
Entregando-se alegres aos duros labores
Onde em lassas cabanas já desmanteladas,
Ferramenta e família estão abrigadas;
E tendo a guarnecê-las sómente a pobreza
Com uma velha arca, a enxerga e a tôsca mêsa;
E cá fora na praia, por entre as areias,
Rêdes se cruzam em emaranhadas teias.
Aqui a esposa está o peixe a arranjar,
Mais além o filhinho a rêde a concertar,
E êle prazenteiro entre êsses entes qu'ridos,
Esquece os perigos já acontecidos,
Despreza a tormenta, e vai ganhar o pão
Fendendo o vendaval na fraca embarcação
A quem êle ama como pessoa do lar
E que está de contínuo a acarinhar.

José de Almeida Amaral
(6.º ano industrial)

Crónica desportiva

Dia 7 de Abril, contra a **Escola Benevides.**

Dia esplêndido.

O desafio estava marcado para as 13 horas, no campo das Larangeiras que se apresentava em bom estado.

Enquanto o desafio não começa os nossos jogadores entreteem-se a treinar o guarda rêde.

Passados minutos o árbitro apita, alinhando-se os jogadores.

O jôgo começa e os nossos carregam.

Entretanto nota-se que alguns jogadores do partido contrário abusam com o emprêgo de meios violentos no intento de vencerem. Para reprimi-los o árbitro marca várias penalidades.

Continua o jôgo com a nossa preponderância; porêm uma avançada féita pelos Benevides, dá origem à primeira e última bola da tarde a seu favor.

Vai a bola ao centro; da nossa parte não há desânimo porque agora carregam com mais violência sôbre as rêdes adversárias. Um dêstes

avanços é rematado pela nossa meia ponta esquerda que meteu o primeiro goal.

Novas belas avançadas dos nossos, e a segunda bola é marcada com grande aplauso da assistência.

Termina assim a primeira parte. Decorridos os dez minutos de intervalo os jogadores colocam-se, e de novo começa o jôgo.

Dão-se vários ataques adversários que um dos nossos meias defesas, que joga pela primeira vez em desafio da associação, intercepta rápidamente.

Depois de algumas fazes interessantes, em que há a salientar boas avançadas da nossa parte, e que os adversários a custo pretendem impedir, não obstante terem mais pêso, o desafio termina pela nossa vitória de 2 bolas a 1.

Eduardo M. Centeno
(4.º ano comercial)

Necrologia

Depois que no Instituto se teve conhecimento oficial da morte do nosso antigo Director, o Coronel Ortigão Peres, foi considerado feriado o dia 19 de Março, como testemunho de gratidão para com aquele brioso oficial e conservou-se a bandeira a meia-adriça em sinal de sentimento.

Tanto na 1.ª como na 2.ª secções dêste estabelecimento, os Ex.mos Regentes proferiram algumas palavras de louvor para com o falecido, deplorando a perda dum tão útil cidadão que durante a sua vida tão relevantes serviços prestou à Pátria, salientando a sua acção inteligente e útil enquanto Director dêste Instituto.

*

Victimado por uma terrível doença faleceu em Coimbra o aluno dêste estabelecimento, Avelino da Cruz Branco.

Frequentava o 2.º ano preparatório e era entre todos muito estimado pelas suas boas qualidades morais.

A' desditosa família os nossos sentimentos.

*

Inserindo nas colunas de "O Profissional" uma fotografia que pelo nosso antigo Director, nos foi oferecida após a sua partida para Paris, queremos prestar assim a derradeira homenagem a quem tanto nos distinguiu com sua amizade e proteção.

Igualmente em nome dos alunos do Instituto enviamos à ilustre família enlutada os nossos mais sentidos pêsames.

Memórias dum alcatrus

Dia 2 — Que suave melancolia que constantemente eu sinto desde que aqui estou e que deslumbramento infinito se desprende desta pomposa vegetação de um colorido e dum viço tão arrebatadores!...

Agora, em presença das maravilhas surpreendentes que me deleitam, do ar puro que me bafeja e dos cânticos que eu oiço, nesta cruel transição que ainda me atordoa da escuridão para a luz, eu compreendo o quanto é triste estar cá em baixo, metido entre as paredes dêste poço tão profundo e ouvir o monótono gemer da agua que me gela e que me assusta com os seus beijos tão frios...

Sim! agora eu compreendo o quanto é doce e bom ser livre, ter isto, êste ideal supremo e único que se chama a liberdade, poder gosar, amar, viver, sonhar, embeber-se em sonhos e embriagar-se em glória!

Por isso eu invejo a forte da andorinha que tão contente voa pelo azul e que serena, a pipilar, vai em busca do sustento para os seus ainda implumes filhinhos, e por isso eu tenho ciumes daquele ribeiro que tão sereno corre, e que me inebria com os múrmurios acalentadores da sua linfa transparente, da branca rolinha que arrulha, da flôr que desponta à beira dos caminhos, enfim, de tudo o que é livre, e livre vive e livre morre...

Dia 5 — Como são tristes e silenciosos os meus companheiros!

Ás vezes bem quero falar com êles, trocar algumas palavras amáveis, dar-lhes coragem, mas o quê, se por mais que eu tente nem resposta me dão...

Sorria-me a esperança de poder desabafar as minhas máguas e as minhas alegrias com

alguêm que me compreendêsse, mas assim, meu Deus, ver-me-hei obrigado a suportar em silêncio esta penosa existência.

E depois o meu vizinho de cima sempre está um tal impertinente! Não há dia nenhum em que não deixe de me mimosear com os seus constantes borrifos de água, de maneira que a minha vida é um perfeito vale de lágrimas! E que lágrimas!

Dia 7 — Oh! que viver tão desgraçado! Pois nunca acabará êste infernal suplício?!...

Pobre de mim! há tão poucos dias que para cá vim e desde então quantas amarguras me não teem lacerado e quantas mudanças em mim se não teem feito.

Além disso uma dúvida constante me alucina e me deixa num mal estar inexplicável: Quem sou? Donde vim e quem me deu o ser?

Mistério assombroso que eu não posso compreender e nem sequer explicar!...

Dia 8 — Felizmente, hoje tenho descançado.

Estou mesmo no alto dêste espectro sinistro a que já ouvi darem o nome de nora.

Que alivio e que prazer!

Há momentos em que não posso parar, e ando num tal rodopio de cima para baixo e de baixo para cima que chego mesmo a duvidar do local em que me acho e da minha existência.

Ai! ai! Por mais que eu queira não há maneira de me afazer a esta vida.

Dia 9 — Uf! Cá vou andando para baixo. Como isto é triste, aqui, no meio destas trevas.

A humidade escorre em fios pequeninos pelas paredes abaixo e de vez em quando alguns seixositos que destas se desprendem, abrem largos circulos nas águas em repouso.

Devagarinho, muito devagarinho vou entrando na água. Um pedaço de cortiça boia insensivelmente à superficie, enquanto que alguns limos agarram-se-me impertinentemente. A escuridão desfaz-se imperceptivelmente na poeira luminosa dos raios do sol.

Porêm, lá vou subindo agora e pouco tempo depois eis-me de novo cá em cima.

E assim se passa o tempo neste continuo vai-vem e assim se evapora a vida porque, deixem dizer, estou quási convencido de que a existência humana não passa duma miseravel farça, dum pobre alcatruz que ora sobe ora desce, duma onda que nasce e dum sonho que morre...

Dia 11 — Muito me deverti eu ontem com umas lindas creanças que cá estiveram!

Creio que são filhos do dono da quinta.

Chamava-se uma Mimi e a outra Maria.

Mimi, a mais linda e buliçosa das duas, e que pouco mais teria que cinco anos era um anjo adorável, de olhos azuis e cabelos loiros, exatamente o vivo contraste de sua irmã que pelo contrário tinha os cabelos negros e luzidios como a asa dum corvo e o rosto dum puro oval levemente moreno. Entretinham-se ambas na caça às borboletas que bastante numerosas pareciam provoca-las à folia.

E com que inefável graça o faziam e que cristalinas risadas soltavam quando alguma delas caia e se molhava no orvalho que gotejava das viçosas hervas!

Pouco depois apareceu uma joven senhora que lhes ralhou amorávelmente:

Ah! másinhas, não teem vergonha de andarem a amarrotar os vestidos.

Não te zangues, não, mãesinha, disseram as duas saltando-lhe para o colo e cobrindo-a de beijos.

E já que estás aqui, não te largamos enquanto não disseres a história das perdizes ..

Pois vá lá, respondeu a mãe, condescendendo:

«Era uma vez um caçador que tinha ido à caça e matara duas perdizes.

Todo contente voltou a casa e disse à mulher que fosse arranjando as perdizes o melhor que pudesse para o jantar, enquanto que êle ia à cidade encontrar-se com um seu irmão.

E, dito isto, foi-se embora.

Efectivamente, logo que êle saiu, a mulher começou a preparar as perdizes e daí a nada era um gôsto vê-las tão bem assadinhas que estavam, com a pele muito doirada e a escorrer gordura. Mas a mulher que tinha o grande defeito de ser muito golosa não pôde resistir à tentação e começou a trinchar uma perna dizendo para consigo:

— Ora, não ha-de ser por um bocadinho a menos que a gente fica mais pobre.

Porêm acabada a perna ficou tão encantada que sem mais delongas começou a atacar o peito da perdiz sem já pensar no jantar.

E era tal o seu apetite e a sua gula que dentro em pouco duas perdizes não havia mais do que os ossos, e êstes tão bem limpos que dir-se-ia terem passado pelos dentes dum cão.

Mas como quási sempre só depois do mal feito se avaliam as consequências, ficou arrependida do que tinha feito e pôs-se a matutar na desculpa que havia de dar ao marido.

Nisto batem à porta.

Vai abrir, e quêm ha-de ver? O seu compadre que lhe vinha pedir por empréstimo a espingarda caçadeira.

Ai, meu compadre disse ela, fazendo-se mui-

to aflita, vá-se embora, fuja, fuja, que o meu homem diz que se o apanha lhe corta as orelhas, por causa... e aqui deteve-se porque o compadre sem esperar pelo fim da narrativa se pôs logo em fuga com quanta pressa tinha.

Precisamente deu-se a coincidência de chegar nesta ocasião o caçador a quêm a astuta mulher com uns gestos furiosos de quem pede vingança, disse:

— Olha marido, o ladrão do compadre roubou-me agora mesmo as perdizes e abalou a fugir . .

— Eh! seu compadre, ó alma de mil diabos ao menos dê-me uma, faça favor, bradava o enfurecido caçador correndo atraz daquele.

Mas o homenzinho julgando que ele falava das suas orelhas, respondia, com a voz gaguejante e um grande terror a contrair-lhe as feições.

— Nem uma nem duas, nem uma nem duas!

E enterrava o chapeu pela cabeça abaixo com medo que elas fugissem, mas sem deixar de correr!

Dia 15 — Oh! Meu Deus, éstou tão envergonhado que não sei se hei-de contar o que hontem vi...

Mas... vá lá...

Estiveram cá dois namorados que se sentaram debaixo do explêndido caramachão que me fica defronte e aí, as mãos entrelaçadas muito unidos trocaram confidências que de vez em quando eram cortadas por risadas em breve apagadas no calor dum raio de sol que se coava por entre a deliciosa verdura e lhes doirava as frontes juvenis.

Depois... ouvi assim um som muito exquisito parecido com um espirro ou coisa semelhante um som que nem sei mesmo definir, e findo o qual uma gargalhada brusca cortou os ares, enquanto êles se iam embora desta vez com grande mágua minha...

Ouvi-lhes falar constantemente em amor.

Amor!... Que conterá em si esta mágica palavra?

E fiquei-me a scismar...

Dia 16 — Que ingrato que eu sou!

Há tanto tempo que aqui me encontro e ainda não lhes falei do meu pobre companheiro nesta odisseia!

Que êle me pordôe a minha falta involuntária, o desgraçado burro!

Burro? Sim, é êste o nome com que o designam e é êste o nome com que escarnecem e mofam dum infeliz animal.

Porque, a dizer a verdade, não lhe conservo o minimo rancor apezar de ser êle quem me faz andar nesta lufa-lufa constante de todos os dias.

E oh! louca humanidade, às vezes quando o fito, um brusco pensamento me assalta e me tortura e fico-me na dúvida cruel, se tu também serás feita da costela dum burro tal e qual como a Eva surgiu da costela de Adão.

Porque, deixa-me dizer-te, (com muita mágua minha) eu acho uma analogia muito extranha entre os gestos que êle faz com as patas para traz, quando o irritam, e aqueles que — fisica e moralmente — tu costumas fazer.

Dia 18 — Vem primavera! Doirado sorriso do ceu, eu te saúde, meiga alvorada da vida, eu te bendigo!

Quando tu vens a alegria irrompe em toda a parte mais vibrante e mais pura e dir-se-ia que uma nova aurora de paz e de amor inflora e doira a terra.

Que de magia! Que de explendor!

As andorinhas expulsas pelo Inverno voltam de novo ao saudoso confôrto dos seus ninhos queridos e as pobres amendoeiras que se tinham vestido de luto agora rejuvenescem triunfantes e belas sob o veu de noivado das suas perfumadissimas flôres...

O azul do ceu, essa safira rara parece desfazer-se em ondas luminosas, e nas flôres que desabrocham tão divinamente lindas e singelas dir-se-á poisar a alma sonhadora e melancólica de werter...

Vem, Primavera! Doirado sorriso do ceu, eu te saúdo, meiga alvorada, da vida, eu te bendigo!

Que suavissima harmonia e que acentos tão apaixonados não transparecem nos cantos das avesinhas que desaparecem pela espessa dos frondosissimo bosques e que frescura se não evola das orvalhadas selvas.

Os campos revestem-se de novas e mais formosas galas e, nova seira mais forte e fecundante as árvores revigora e numa aleluia majestosa os homens, as aves e a Natureza parecem embriagar-se numa hossana profunda ao Creador.

(Continúa)

Isidoro José de Brito
16.º ano comercial

ECOS

Tivemos o grande praser de abraçar o nosso antigo companheiro Heitor Felipe Baltazar que por motivo de saúde regressou da frente onde esteve durante 9 meses.

Ao querido amigo desejamos uma rápida convalescença.

N. 20 Maio e Junho 1918

Instituto Profissional dos Pupilos
DO
Exército

Querer é poder — Preparemo-nos para a vida — Querer é poder

O PROFISSIONAL

SUMÁRIO

Na paz e na guerra	*Jaime G. Mascarenhas*
D. Sebastião (Alcacer-Quebir)	*Alvaro dos R. Loureiro*
A produção e utilisação do niquel	*Américo Alves*
As montanhas do ouro (conto)	*José Pires*
Memórias dum alcatruz.....	*Isidoro José de Brito*
Recordações antigas.....	*Nascimento Cabrita*
Crónica desportiva	*Eduardo M. Centeno*

Preço 4 centavos

1918
Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exére.
Estrada de Benfica, 374
LISBOA

O PROFISSIONAL

Mensário dos Pupilos do Exército

Administrador
Mário Gouveia Pinto

Conselho de redacção
Acácio Monteiro Cabral, Manuel L.cas de Sousa e João Augusto Cardoso

Sec. da redacção: José Roxo
Direct.: José C. Barroso J.or

N.º 20 — 3.º ano

Comp. e imp. na Tip. do Inst. Prof. dos Pup. do Exército

Maio e Junho de 1918

Na paz e na guerra

Analisemos estas duas palavras. Infelizmente para a humanidade, a guerra essa convulsão entre povos que de tempos a tempos se desencadeia, é uma palavra atroz que a êles inflinge a miséria e a consternação.

A paz, essa, arrasta consigo a felicidade, a prosperidade dum pais e o confôrto nos lares.

Durante ela tanto trabalho, desenvolvimento das sciências, construções de sumptuosos monumentos, capelas, estátuas para imortalizarem êsses grandes homens que a Humanidade venera.

Esse pais entrou em guerra. Se os exércitos desfalecem, o território é invadido, os produtivos campos cobardemente devastados, os habitantes trucidados, monumentos destruidos e os lares, funestamente desunidos, imploram e choram a perda de seus pais, filhos e irmãos, que honradamente perderam a vida em prol da mãe Pátria.

E daí a perda da liberdade... a perda da autonomia!

Que penosas conseqüências ela nos traz! Muitas vidas perdem-se; os verdadeiros patriotas, sucumbem pesarosos da liberdade que perderam; a fome e o terror espalham-se acompanhados do mal estar da nação e do desfalecimento!

Uma nação que perde a liberdade não é mais que uma vassala, da que a subjugou. Os produtos extraidos da terra, à custa do suor dos habitantes, são em primeiro lugar para a nação invasora; os tesouros nacionais, se as despezas da guerra os não esgotaram, são para ela: os impostos redobram injustas mente e efectuam-se as decapitações daqueles que ainda possuem as heróicas ideas da liberdade e revolta.

Para que são tantas atrocidades? Para que o pais subjugado, previstas as suas condições, não mais respire o ar puro da liberdade...

Infelizmente nós já o sentimos e julgo que pela última vez; então o patriotismo português ressuscitou e os ecos da liberdade, não foram totalmente sufocados. Nos corações portugueses apesar de dilacerados ainda se poude refugiar o novo embrião de liberdade, que mais tarde em 1640 se desenvolveu arrojadamente.

Vêde as conseqüências funestas das lutas!

É facto que no tempo de paz os homens instruem-se, a humanidade progride na civilização, mas afora isso, os generais... êsses grandes militaristas, nos seus respeitáveis gabinetes, testemunhos dos grandes estratagemas, estudam os processos de guerra cada vez mais atrozes e sangrentos.

Parece-nos um contrasenso; infelizmente não é. Esses casos estão-se evidenciando actualmente.

Á medida que os povos marcham no caminho da civilizaçao, arrastam consigo a arte da guerra, a qual parece ser um instinto da humanidade, pois que continua com o mesmo rancor através das gerações. Um verdadeiro exemplo temos nesta luta em que só o carácter vil e invejoso da Alemanha e o capricho a mantem há mais de 3 anos.

A Alemanha quis suplantar o comércio da Inglaterra e pela fôrça que há anos concentrava, vêmo-la hoje envolvida na grande luta por mesquinhos pretextos.

Comparemos ainda as guerras antigas com as modernas. Volvamos a memória para as antigas batalhas, ou antes, para a nossa aureolada história. É verdade que se travavam mais freqüentemente; mas em que consistiam? Em processos mais francos: a luta à arma branca.

A cavalaria predominava, ao contrário do que hoje sucede; era o furor da luta à espadeirada, à cacetada e até à pedrada, como aconteceu na Linha de Tôrres, quando foi das invasões francesas.

Quêm mais fôrça e intrepidez tivesse é que seria o vencedor, visto que só assim se poderia curvar o inimigo, sob a lâmina da sua espada.

Hoje não: há as espingardas de grande alcance, canhões, cruzadores, submarinos, aeroplanos, trincheiras, e os gases asfixiantes.

Na guerra moderna, os combatentes esperam ocasião propicia para o combate.

O que ainda não se havia transformado era o respeito pelos tratados de guerra.

Só a Alemanha o fez.

Antes de rebentar esta luta, algumas nações supondo, pela sua parte, poder considerar as questões entre as nacionalidades, como as pessoais, pensaram formar em Haia um tribunal, que julgasse como dos homens o procedimento dos povos. Semelhante lembrança não teve o seu fim, porque a Alemanha desrespeitaria êsse critério, como está fazendo aos tratados que jurou cumprir.

Alguns pactos foram assinados no referido tribunal, mas essa nação grande, sem pudor, não os soube respeitar, como faria outra ainda que pequena no território, mas grande nos sentimentos.

Entre as muitas leis que cobardemente transgrediu, foram: Emprêgo dos gazes asfixiantes e lacrimais, bombardeamento de ambulâncias e navios hospitais, etc. Qual foi a sua resposta ao eco do direito e da Justiça? Que para si os tratados eram simples bocados de papel sem valor algum.

Eis o carácter cobarde duma nação, que dominar o mundo já quis.

O respeito pelas leis foi por ela assim acatado, torpedeando navios indefesos, derramando o sangue de milhares de crianças, quási sem Pátria e orfãos.

Que triste é a guerra!...

Cruenta para os que morrem, dilacerante para os que, nos seus lares choram a perda dos seus membros!

Achâmo-la atroz, é certo... Mas nem por isso a humanidade a despreza.

Nações oprimidas e devastadas, monumentos em cinzas, campos semeados de cadáveres, eis os rastos da maldita carnificina!

A humanidade está constantemente envolvida no fumo das guerras; e considerando esta como uma arte e sciência, estuda os processos mais eficazes, para os povos se exterminarem uns aos outros.

Outras nações pela sua fôrça brutal, tentam sufocar desumanamente a voz do direito e da justiça, que até hoje têem estado em primeiro lugar e pela qual os aliados combaterão para ventura da Humanidade.

Jaime Gil Mascarenhas
(4º. ano comercial)

A Bandeira é a Pátria, o seu orgulho, o seu passado e as suas esperanças.

* * *

Não é bom patriota o que não ajuda o desenvolvimento industrial da sua Pátria.

D. SEBASTIÃO

(ALCÁCER-QUEBIR)

D. Sebastião durante a sua menoridade manifestara uma grande paixão pelas armas e ao mesmo tempo um ardente amor pela fé católica, o que o levara a crêr, que Deus o reservara para o fazer chegar aos confins do Orbe.

Assim, êste monarca mostrara desde muito môço, a ambição de formar junto ao seu reino um poderoso império cuja corôa fervorosamente ambicionava.

Foi por isso que em 1574, levado pelo desejo de expandir a fé cristã, embarcou mui em segredo, indo para Lagos, donde escreveu para Lisboa anunciando que ia partir para a África.

Saindo daquela cidade, encaminhou-se D. Sebastião, para Ceuta passando depois a Tanger, onde vendo fugir os exploradores do rei de Marrocos diante de seus cavaleiros julgou por êste motivo que lhe seria fácil conquistar a África inteira.

Voltou a Lisboa, em 2 de Novembro de 1574, resolvido a empreender uma expedição, que êle julgava ser benéfica, mas que serviu para levar a si e a Pátria ao calvário dos vencidos.

A expedição que se ia agora realisar e que tão trágico fim devia ter, causando até a perda da independência, foi acelarada pelas discórdias entre Muley-Hamed, imperador de Marrocos e seu tio Muley-Moluque, pelas quais o primeiro fôra destronado, vindo pedir auxílio a D. Sebastião, que enviou promessas de socorro.

D. Sebastião vê aproximar-se o momento de pôr em execução, o plano, que desde muito novo, vinha intentando.

Fizeram-se os preparativos para a partida, mandando D. Sebastião, convidar Filipe II, para tomar parte nela; e, recusando-se êste a aceitar o convite que lhe era feito, D. Sebastião promete esposar uma princesa de Castela, pronti ficando-se Filipe II, a dar um auxílio de 50 galés e 5.000 homens.

As secretas ambições de Filipe II, e a perversidade de seus maléficos desejos, encontram-se na seguinte frase que seus lábios proferiram: **Se êle ganhar bom genro teremos; se êle perder bom reino ganharemos.**

No dia 25 de Junho de 1577, D. Sebastião, parte do Tejo numa grande esquadra, tocando em Lagos e desta cidade passou a Cádis onde se demorou alguns dias seguindo depois para Tânger.

Em 10 de Julho, D. Sebastião parte para Arzila, donde saiu com suas tropas em 29, direito a Larache.

Os soldados estavam expostos aos contínuos ataques das guerrilhas mouriscas, ao calor abrasador do sol e á inclemência da fome e da sêde, terríveis inimigos de estranhos nas inhóspitas terras africanas.

O exército ia na seguinte ordem: à frente a artilharia, depois a infantaria, nos flancos a cavalaria em duas alas uma comandada pelo rei e outra pelo Duque de Aveiro; depois vinha Muley-Hamed com seus mouros e atrás vinham os alcaides das praças africanas.

As tropas chegaram à margem direita do rio Mukzen no dia 2 de Agosto, donde avistaram o exército inimigo.

D. Sebastião quis logo dar a batalha, mas, por instâncias dos fidalgos, decidiu ferí-la dois dias depois da chegada ao rio Mukzen, para dar tempo que as suas tropas, repousassem, das fadigas cruentas durante a marcha pelo interior.

No dia, 4 de Agosto de 1578, D. Sebastião preparou as tropas para combate.

Os fidalgos aconselharam ainda o rei para que não desse batalha debaixo do sol que fazia, pedindo-lhe que transferisse esta para depois do sol posto; não dando ouvidos, D. Sebastião e como querendo ver-se coroado o mais depressa possivel imperador de Marrocos, atacou o inimigo, mesmo debaixo do sol que estava.

Aos primeiros ataques a cavalaria inimiga ficou dispersa, havendo nas fileiras uma completa desordem.

Após esta vitória das tropas de D. Sebastião, o inimigo retomou outra vez a linha de combate, formando desta vez em meia lua e atirando-se sobre as linhas dos cristãos, produziu um destroço terrível.

E quando os seus cavaleiros lhe pediram para que se entregasse, D. Sebastião lhes respondeu do seguinte modo: **Entregar-me nunca; morrer sim, mas devagar.**

Vendo D. Sebastião, a batalha perdida, e, não querendo entregar-se ao inimigo, nem sobreviver aos seus, deu esporas ao seu cavalo correndo como um louco sôbre o inimigo, e fazendo com que êste, abrisse alas, desapareceu para nunca mais ser visto.

Ao mesmo tempo que se dava a batalha, Muley-Moluque, era envenenado e morria; morrendo tambem Muley-Hamed, afogado no rio Alahhagem.

Dos cristãos a maior parte foram mortos, excepto umas dezenas d les que foram feitos prisioneiros, sendo mais tarde resgatados, por enormes somas.

Há a mencionar dos despojos, alem de muitas outras cousas, um grande número de guitarras que foram encontradas no campo de batalha.

Alvaro dos R. Loureiro
(Aluno do 3.º ano comercial)

A produção e utilisação do níquel

Os tratados de quimica dizem-nos que o níquel é um metal que tem muitas analogias com o ferro, existindo contudo entre êles uma diferença fundamental, sob o ponto de vista prático: é a extrema facilidade de extração do ferro dos seus minérios, ao passo que a extracção do niquel é bastante complexa.

Esta particularidade explica a lentidão com que se desenvolveram as aplicações do níquel que tem esperado perto de 150 anos antes de se tornar objecto de transações comerciais importantes. Contudo os Chineses conheciam jà êste metal, que êles utilizavam para a preparação duma liga chamada Packfong. Mas a descoberta do niquel metálico é devida ao mineralogista sueco Cronstedt, que o isolou em 1751 por meio de uma série de experiências com o sulfureto de arsénio e niquel, hoje chamado Nickeline ou Kupfernickel. O novo metal foi desde logo objecto da curiosidade da parte dos quimicos: tais como Bergmann, Arfvindson, Proust, Ritcher, Berthier, que o purificaram quási completamente, e estabeleceram todas as suas preciosas propriedades físicas e químicas. No estado puro o niquel tem uma côr azul de aço, e uma densidade que varia entre 8,3 e 8,8.

Uma das suas particularidades mais notáveis é, que juntamente com uma dureza superior à do aço, tem uma maleabilidade e ductilidade iguais ás do cobre. Pode-se por isso estirá-lo em fios muito finos e muito resistentes.

Forja-se como o ferro, mas resiste muito bem à oxidação, o que o torna muito empregado na cobertura de outros metais de fácil oxidação. Nêste estado adquire um belo polido que nem mesmo a humidade embacia. Esta última propriedade que constitue uma raridade, deu ao niquel a sua primeira aplicação importante na indústria. Por outro lado, os sais de niquel não são tóxicos senão em grande dose, e as dissoluções de sal marinho ou ácido acético não têem sôbre êste metal mais do que uma fraca acção.

O niquel é aplicado em certos paises ligado com 75 % de cobre, no fabrico de moedas, servindo neste caso para evitar os defeitos do fabrico. O niquel destinado a ser transformado em folhas deve ser purificado por meio da adição duma pequena quantidade de magnésio, que em virtude da sua acção redutora faz desaparecer os vestigios de óxido, que frequentemente o metal do comércio contêm. Entre as ligas de niquel encontram-se o Maillechort que se obtêm ligando 50 partes de cobre com 25 de zinco e 25 de niquel. O desenvolvimento das aplicações do niquel ha uns 20 anos é devido principalmente à aplicação do Maillechort nas camisas das balas das espingardas de guerra, e sobre tudo à introdução do niquel nos aços.

As primeiras tentativas de emprêgo do níquel nos aços são devidas aos metalurgistas franceses: Osmond e Pourcel, etc.. que as proseguiram a partir de 1885 em Montataire e em Imphy (Nievre). Juntando ao ferro uma quantidade de niquel entre 1 a 5 % obtem-se produtos duros mas não frageis que têem um preço muito elevado quando vendido a retalho.

O emprêgo dos aços-niquel, para o metal de canhões (2 %), para as placas de blindagens (3 a 5 %), ou para certas peças mecânicas (1 %), permite realizar economias muito sensíveis de material.

O aço niquel é empregado nos Estados Unidos, nos rails dos caminhos de ferro para evitar a rutura dos mesmos.

Emprega-se na construção de aparelhos de geodezia um aço com 36 % de niquel chamado metal «Invar» sobre o qual as variações de temperatura têem muito pouca influência.

A procura do níquel metálico aumentou há uns 10 anos. De 400 Tn. em 1898, o consumo do metal subiu pouco a pouco até aproximadamente 27000 Tn. por ano.

Em 1840, quer dizer 100 anos depois da descoberta de Cronstedt, os únicos minerais explorados no universo inteiro eram os arseniatos e os arsénio-sulfuretos, ou os minerais de cobalto niqueliferos. Só em 1865 é que o Francês Júlio Garnier descobriu na Nova Caledonia Garniérite, novo minério de níquel contendo 8 a 12% de níquel. Começada em 1865 a exploração dêstes jazigos ultrapassou 100: Tn. de minério por ano depois de 1899.

A grande oficina instalada em Thio em 1911 recebe os minerais por meio dum caminho de ferro aério, com 17 Km. de comprimento e em que os pilões têem 25 m. de altura.

Esta oficina que pode tratar 60.000 Tn. por ano, produz minérios grelhados com 45% de teor, que se transportam para a Europa sob o nome de «mattes».

O níquel metálico obtem-se refinando por sua vez êstes mesmos «mattes».

Américo Alves
(6.º ano Industrial)

As montanhas do ouro

(CONTO)

Havia em certa aldeia um velho que tinha uma fortuna bastante invejável, mas que, levado pelo insensato desejo de ser o homem mais rico daquela região, passava todos os dias a pensar na maneira de o conseguir.

Um belo dia, ouviu dizer que numas terras muito distantes havia grandes montanhas de ouro; e desvairado pela idêa de tanta riqueza, comprou uma grande quantidade de carros de regulares dimensões e preparou-se para a partida.

Bem queriam os seus amigos dissuadi-lo da empresa, chamando-lhe tolo e louco, mas aquela alma ambiciosa a nada cedia e, feitas as últimas despedidas punha-se a caminho seguido pelos carros.

Assim foi andando de monte em monte e de cêrro em cêrro e sempre que tinha ocasião pedia informações a respeito das montanhas do ouro, com grande pasmo de toda a gente que o tomava por um doido varrido, tanto mais que era a primeira vez que ouviam falar em tais montanhas. Depois duma longa jornada, o velho foi dar com um rio e, não podendo atravessá-lo meteu-se por um atalho que encontrou à custa de muito trabalho, achando-se repentinamente no meio de uma lindissima estrada por onde, de um lado se enxergavam umas vastíssimas campinas em que numerosos e esplêndidos rebanhos pastavam alegremente e do outro lado umas montanhas bastante exquisitas e cobertas de uma espécie de manto amarelo, que de longe dava a ilusão duma grande profusão de giestas. Cansado de tantas provações e aniquilado pelo terrivel calor que fazia, o nosso heroi deitou-se à sombra de um grande castanheiro e adormeceu pouco depois Porêm qual não foi o seu espanto quando ao acordar ouviu uma voz melodiosa que lhe dizia: «Meu amigo, desperta!»

Mal refeito da surpresa, o bom do velho viu que estava falando com uma fada, a qual continuava dizendo com toda a meiguice: «Como prémio às tuas fadigas e aos teus sofrimentos eu vou levar-te a um sitio maravilhoso.» E batendo com a varinha no chao logo ali apareceram grandes montanhas de ouro e pedras preciosas as quais brilhavam de tal modo que de lumbravam o pobre aventureiro que não podendo crer no que via ia quasi desmaiando.

Bom homem (tornou a fada a dizer detendo com um gesto o nosso heroi que ia a agarrar avidamente num grande pedaço de ouro que ali luzia.)

Como vejo que és muito ambicioso vou-te dar a escolher entre duas coisas. Olha: tu tens dum lado êste ouro e estas pedras preciosas que são a causa de todas as desgraças do mundo e tens do outro, apontava com a varinha ao dizer isto, estas campinas imensas que são a única riqueza, a mais bela, a mais verdadeira e a mais produtiva. Agora entrego à tua decisão a tua fortuna. Alucinado, o velho, depois de uma curta luta com a consciência, disse à fada que só queria o ouro e isto com uns gestos tão brutais que a magoaram. Pois seja assim disse ela e desapareceu. Então o bom do velho entregou-se à tarefa de encher os carros no que gastou bastantes dias, mas, depois de tudo cheio pôs-se novamente a caminho, desta vez para a aldeia.

Tudo parecia correr às mil maravilhas, quando uma tarde se desencadeou uma violenta tempestade, em virtude da qual, o velho foi parar a um deserto onde não crescia nenhuma árvore, nem corria o mais pequeno fio de água. Então começaram os desastres a acumular-se. Os animais morriam pelo caminho e, isto de tal maneira que o homem teve de parar.

Desesperado, morto de fome e de sêde, êste começou a amaldiçoar o seu destino,

quando ao olhar em volta de si viu que o ouro já tinha desaparecido e a mesma fada lhe dizia: Vês no que deu a tua ambição e para que te serviu agora o ouro que trouxeste? Com a deliberação que avaramente adotaste, cavaste o abismo que agora se te depara medonho e hediondo. Dizendo isto desapareceu novamente, deixando o pobre velho a chorar a sua sorte, e, a perda da sua fortuna e das riquesas que trazia; e assim voltou para a aldeia de tal modo pobre que se viu obrigado a mendigar, morrendo depois na maior miséria. Por isso se confirma o verdadeiro provérbio seguinte: «Quem tudo quer, tudo perde.»

José Pires
(4.º ano industrial)

Memórias dum alcatrus

(Continuado do n.º 19)

Vem, Primavera! Doirado sorriso do ceu eu te saúdo meiga alvorada da vida, eu te bemdigo!

Dia 23 — Como é belo êste quadro grandioso e sublime que se chama a Naturesa!

Há ai coisa mais bela que a doçura que se respira dêstes campos tão fecundos, que a soberana paz e a magestosa graça que nêles resplandece?

Há ai pureza mais suave que a dêste ceu em que a alma extasiada julga ver a transfiguração da sua essência?

Oh! não, mil vezes não.

Ás vezes os gorjeios dos rouxinois que descantam nos chorosos salgueirais é tão arrebatador e delicioso que eu me sinto como que arrobado e preso duma sensação indiscritivel.

E depois esta luz que me inunda em ondas de oiro é tão cristalina e tão pura, e há tanta graça, ai tanta, no vôo daquela cotovia que se levantou agora da planicie, que bastaria só isto, estas flôres êstes bosques, estas águas e êste ceu, para te amar e para te ungir de veneração e de amôr, oh! doce Natureza, oh nossa mãe.

Dia 25 — Ah! meu Deus! quando terei fôrças para relatar a horrivel tragédia que se passa em redor de mim?

Em que dias o farei? Não sei.

Ontem, juntaram-se no pequeno jardim que me fica fronteiro, algumas pessoas entre as quais pude distinguir Mimi e Maria, seus pais, um capitão já velho que tratavam por Mauricio de Castro e o jovem poeta Arnaldo Arnoso que estava um Lovalace irresistivel com o cabelo puxado para trás, as olheiras pisadas, no rosto uma melancolia lamartinita e um vulcão amoroso no peito.

De repente, não sei porque facto, um brusco silêncio se fez entre êstes personagens que conversavam animadamente, como aquele que precede quási sempre as graves revelações.

«Meus amigos, disse pouco depois o capitão recostando-se indolentemente, na sua poltrona, para prova das minhas asserções vou-lhes narrar um caso bastante extranho, em que tomam um papel importante alguns dos meus antepassados.

I

C'était pendant l'horreur, como disia Racine, duma noite fria e tempestuosa.

Num silvo prolongado e atroador o vento zimbrava impetuosamente na tosca massa disforme dos rochedos que, elevando-se sinistramente hediondos, amortalhados pela lus cadavérica do luar e banhados pelas revoltas ondas do mar pareciam querer ameaçar o ceu duma escalada formidável como outrora os raivosos titães

A chuva caia miudinha e persistente num arpejar macabro de valsas infernais, ora branda e regular, ora em rajadas monstruosas como o galopar fantástico das Walkirias...

As árvores rangiam, gemiam, estorciam-se dolorosamente em convulsões tremendas...

Pairavam pelo ar os prenúncios bravios das cóleras das procelas...

Ao sair do seu esconderijo o *Melro* olhou cautelosamente em todos os sentidos e ao ver o silêncio pavoroso que reinava por entre as trevas soltou um grunhido de satisfação.

Nada, dizia êle ás vezes num profundo tom de convicção, que isto de a gente não ser prudente traz ás vezes conseqüências bastante desagradáveis e, assim como assim, homem prevenido vale por dois...

Já vemos por aqui que o nosso homem não deixava de ser um tanto filósofo... assim á maneira de Nero, e, tal e qual como Diógenes, em vez da cuba em que êste morava tinha por habitação uma velha gruta onde nunca entrara um raio de sol e jámais puzera o pé qualquer ser humano.

Mas ao ser impelido brutalmente por um brusco golpe de vento, que quási o ia deitando por terra, o Melro exclamou no meio de um arrôto a aguardente que todo o encheu de satisfação e alivio:

— Peste! Má raios partam a ventania! Hein! Não querêm lá ver! Já não pode a gente dar um passeio que o macaco do vento nos não faça chafurdar na lama!...

E ficou-se, extático, parado à beira da estrada sem quási dar pela chuva que o alagava, absorvido em momentânio meditar e com os modos de quem está a calcular os prós e os contras da aventura.

Puf! murmurou por fim, encolhendo desdenhosamente os ombros.

E derrubando o chapeu sôbre os olhos afastou-se do seu nicho a passos largos e firmes.

II

O Melro era moreno, de estatura meã e com um certo cunho afidalgado apesar da expressão de bestial ferocidade que lhe arrepanhava a cara num rictus diabólico.

Era um desgraçado que a miséria e o crime tinham arrebatado nas suas azas formidáveis, e as privações preverteram e rebaixaram até ao último grau.

Quem era? E quais os motivos que o levaram a êsse aviltamento infame?

Eis o que nós vamos dizer; mas para isso temos que remontar a uns certos factos anteriores.

. . . . . .

Aí pelos fins do ano de 1... um viandante desembocando precipitadamente dum atalho, enveredou pela estrada real e como se tivesse alguma dúvida sôbre o caminho, dirigiu-se a um moço camponez que descançava á sombra de uma árvore e perguntou-lhe:

Ouve lá, meu rapaz, sabes-me dizer onde fica a aldeia de X?...

O rapaz levantou-se, esfregou repetidas vezes o barrete entre as mãos e ficou-se como que indeciso, a fitá-lo de soslaio, com êsse ar de velhacaria sonsa e maliciosa, inato em todo o camponez.

Mas ao ver luzir uma moeda de prata nas mãos do desconhecido, os seus olhitos piscos brilharam com um fulgor, ao passo que um sorriso de satisfação lhe dilatava as faces córadas e sadias, enquanto que dizia com uma verbosidade expontânea e extraordinária:

— Eh! fidalgo, não há nada mais simples.

— E então que não há aí ninguêm que me leve as lampas cá no sitio nesta coisa de ensinar caminhos.

— Isso Sim! Saberá V.ª S.ª que conheço isto tão bem como as pontas dos dedos.

— Ora oiça! Vai vossa mercê, sempre direitinho na sua frente, isto é como quem diz por esta estrada fóra, que ela às vezes tambem dá as suas voltas que parecem de cobra.

— Depois de um bom estirão há-de chegar a uma encruzilhada donde partem três estradas e aí ficará embasbacado, salvo o devido respeito, como um boi a olhar para um palácio.

— Mas eu lhe explico: olhe, aquela que tiver dum lado uns bancos de pedra e um valente castanheiro que deita as ramagens para o outro lado de lá, como um namorado a pedir um beijo à rapariga, é a que o meu fidalgo há-de seguir.

— Em seguida mal dá vinte passos encontra logo a estalagem da tia Margarida a onde há um vinhito de se lhe tirar o chapeu que é peor que um lacrau e sabe a rosas . .

— E sempre lhe digo que uma vez sempre apanhei uma destas constipações . . .

— Sim, sim, retorquiu o desconhecido, um tanto ou quanto exesperado com o exórdio do camponez, vê lá se me encurtas isso e me dizes onde é que fica o que te pedi.

— Lá vai meu fidalgo, lá vai . .

— Por fim há-de encontrar a Quinta dos «Castanheiros» onde lhe dirão o resto do caminho, que ainda é bom um bocado! Olé se é!

— Pois obrigado, meu rapaz, disse o viandante dispondo-se a partir, e que Deus te leve em bem o serviço que me prestaste a trôco da impaciência em que me ias fazendo estoirar.

— Vá com o Senhor, murmurou o campónio com ar contrito ao mesmo tempo que fazia tilintar à sucapa a moeda de prata que recebeu, para se assegurar de que era boa.

Entretanto o desconhecido que caminhava apressadamente não era mais do que uma mancha negra no horisonte que ia diminuindo a pouco e pouco.

. . . . . .

Ao mesmo tempo que isto acontecia um cavaleiro coberto de pó e ofegante de cançasso chegava ao magestoso solar dos mui nobres e respeitados senhores de C...

Isidoro José de Brito
(Aluno do 6.º ano comercial)

(*Continua*)

Recordações antigas

Dia alegre e quente, como são quási todos do mês de Agosto.

Um movimento pouco trivial se via nos corredores e escadaria dum veterano convento, transformado em escola.

Era pois chegada a época dos exames:

Por todos os lados, numerosos grupos falavam animadamente, ou sôbre assuntos escolares, ou fazendo a diatribe de quem quer que ali se encontrasse. Das povoações circunvizinhas, veem prestar as suas provas as crianças acompanhadas de algumas pessoas de família.

Um dos grupos estacionava no cimo das escadas, para assim poder melhor apreciar quem entrava.

Mal eram ouvidos passos, a multidão por momentos se calava, e em seguida cumprimentava cerimoniosamente os recenchegados.

Numa das vezes aparecem no limiar duas alegres e buliçosas crianças, acompanhadas por duas senhoras, que se dirigiram para o corredor das salas que se destinavam aos exames.

Procede-se à chamada numa delas, e para lá entram quatro crianças, que se vão sentar em frente da mesa do júri, começando então as provas.

A assistência era numerosa, mas na ampla sala reina o mais absoluto silêncio, interrompido apenas pelo interrogatório, ao qual respondem com grande tranqüilidade.

Estava terminada assim a prova oral.

A multidão que pelas diversas dependências andava espalhada, afluia ali, aglomerando-se à porta, pois esperavam com febril impaciência a hora da decisão.

Notava-se naqueles rostos inquietos um receio latente, que pouco depois foi dessipado ao ouvirem os satisfatórios resultados, merecido produto dum ano de trabalho assíduo.

É indiscritivel agora a alegria que vai naquelas almas jovenis onde imperam ainda inocuidades de crianças, que dificilmente deixarão para pensarem noutros assuntos.

As mães estreitam-nas ternamente, e de todos os lados lhes são dadas felicitações, às quais agradecem reconhecidamente.

Começa tudo porêm a abandonar o edifício, e ei-las que com a suas famílias percorrem alegremente algumas ruas, falando, gesticulando e detendo-se a cada passo.

Eu via que alguem seguia aquela alegria infantil, que tinha atingido o seu auge.

Chegaram a um largo, e entram num estabelecimento, talvez para pedirem alguma informação.

Nele a demora foi curta, porque passados minutos, continuaram sempre ligeiras, a percorrerem mais algumas ruas para se dirigirem ao H. C.

Então os grupos começaram a desorganizar-se, pois era a hora propicia para o jantar.

Mais tarde, ao acaso, passava por uma rua e notei que três rapazes amigos, estavam perto do citado H. C., onde aqueles anjos que gosam a vida, se entretinham brincando com um bonito cão, passando dêste modo o tempo o mais destraidamente possivel.

O rodar duma carruagem que perto parou veiu pôr termo a esta brincadeira.

Não se fez esperar muito que para ela não entrasse a familia e êsses róseos querubins.

E o carro parte...

Então seguiram rápidamente para, na Avenida de S. D., se despedirem de quem dentro seguia para a sua terra descançar alguns meses na mais completa despreocupação,

Novamente os encontro, quando se dirigiam para uma sociedade, a verem o carro que se afastava no meio duma densa nuvem de poeira e que pouco a pouco se ia tornando imperceptivel.

Uma passagem de nivel, e o desaparecimento completo para alêm daqueles montes.

Nascimento Cabrita
(Aluno do 4.º ano comercial)

Crónica desportiva

2.ª volta — Dia 28 de Abril, contra a **Escola Ferreira Borges.**

O dia apresentava-se esplêndido mas o campo encontrava-se em péssimo estado.

Depois das 11 horas o árbitro apita e os dois capitães dirigem-se ao seu encontro, cabendo a vez de escolher o campo ao grupo adversário.

Soa pela 2.ª vez o apito e os grupos alinham-se como de costume.

A nossa linha é constituida pelos mesmos jogadores do desafio anterior.

Começa o jogo notando-se que se está a salientar um pouco a extrema direita adversária. O jogo durante algum tempo equilibra-se de parte, a parte mas os nossos animando-se, dão algumas avançadas que, mal conduzidas, são interceptadas rapidamente pelos defezas da E. F. B.. Numa delas ha uma penalidade na área das rêdes adversárias que o árbitro não marca. Sucedem-se novas avançadas de parte a parte, estando o juiz de campo arbitrando mal. Um dos nossos avançados dá um belo pontapé defendido a tempo pelo guarda-rêde; entretanto outro, rematando bem e aproveitando a confusão estabelecida junto das rêdes adversárias, consegue meter a primeira bola da tarde a favor do Instituto.

A bola vai novamente ao centro começan-

do o grupo adversário a uzar de uma certa violência que o árbitro pune. O jôgo está quási concentrado no campo contrário. Em virtude duma avançada bem conduzida pelo extrema direita e bem centrada, o avançado esquerdo consegue com uma explêndida cabeça meter a segunda e última bola da tarde a nosso favor.

Pouco depois o àrbitro apita, terminando assim êste primeiro tempo de jôgo, em que apezar de termos o sol contra, conseguimos meter 2 bolas contra 0.

Terminado o interválo o desafio continua e os nossos começam a avançar lançando-se em conjunto sôbre os jogadores da E. F. B.; distinguem-se da nossa parte a ponta direita pelas rápidas avançadas que conduz e pelas suas belas passagens dando lugar a que a meia direita também trabalhe regularmente, e a ponta esquerda pelas avançadas que executa, por vezes bem perigosas para o partido contrário que querendo desforrar-se da derrota sofrida no primeiro tempo, avança tambem mas tão desorientadamente que são interceptadas pelos nossos defesas.

Há uma nova penalidade na área do penalty que o árbitro não marca. O grupo adversário faz mais algumas avançadas devidas à má colocação dos nossos jogadores que por vezes são inutilizadas. Mais uma avançada é conduzida pela esquerda que tem uma boa passagem; mas o nosso centro mete uma mão perto das rêdes da E. F. B. evitando assim uma bola a nosso favor.

E o desafio termina pouco depois, com a nossa vitória por 2 bolas a 0.

António B. da Costa
(4.º ano comercial)

Dia 5 de Maio, contra a Casa Pia

O desafio estava marcado para as 12 horas e devia realizar-se no campo de Benfica.

Os jogadores já estão equipados, e só esperam que o árbitro apite para se colocarem nos seus lugares; são 12 horas e 15 minutos o juiz de campo ainda não aparece, o que começa a impacientá-los. Pouco depois o árbitro chega dando-se começo ao desafio.

O jôgo decorre animado e os nossos carregam com ânsia, pondo em constante perigo as rêdes adversárias.

Por enquanto a bola não passa aquêm do centro, porque os nossos jogadores defendem-se com energia, não deixando os adversários conduzirem a bola até às nossas rêdes.

Uma avançada bem dirigida pela nossa meia direita dá lugar a que a ponta esquerda aponte às rêdes da Casa Pia uma bela bola, mas sem resultado.

A bola desce para o nosso lado; mas o centro que tem trabalhado com vontade, num enérgico pontapé, consegue enfiá-la nas rêdes da Casa Pia. É a primeira bola da tarde.

O grupo contrário parece querer desforrar-se e começa a carregar; porêm o nosso meia ponta esquerda que se tem salientado pelo seu bom jôgo, intercepta e dá um pontapé certeiro em direcção às rêdes da C. P. que o guarda rêde a custo defendeu.

Dão-se vários ataques que as nossas meias defezas inutilizam rápidamente.

O centro que passou os jogadores contrários sem que nenhum lhe conseguisse tirar a bola, com a precipitação que levava desviou-se muito para a linha do fora, o que o juiz não viu, apitando depois de ter sido metida segunda bola.

O jôgo mantem-se a nosso favor até que o árbitro apita para findar a primeira parte.

Decorrido o tempo de interválo os jogadores colocam-se, havendo uma pequena alteração na constituição das linhas.

Começa a segunda parte tendo a Casa Pia o vento a favor; devido a esta causa viamo-nos mais vezes atacados.

Há avançadas sôbre o grupo adversário que agora trabalha melhor. Em alguns ataques os jogadores inimigos cometem penalidades que o árbitro vê mas não pune. Por êste motivo há da parte da assistência indignação e protestos.

Num ataque contrário em que os jogadores já contavam com uma bola, o nosso guarda rêde tem uma magnifica defeza que arranca da parte da assistência muitas palmas.

Pouco depois um jogador da C. P. consegue meter o primeiro goal.

Entretanto notam-se avançadas de parte a parte, mostrando o nosso grupo superioridade.

Marca-se uma penalidade contra nós que é muito bem defendida, o que provocou novos aplausos.

Depois de algumas avançadas o árbitro apita para findar o desafio, sendo os nossos jogadores muito ovacionados à saida do campo.

Trabalharam bem: o guarda rêde que cada vez mostra mais perícia no desempenho do seu lugar, o centro e em geral todos os jogadores.

E assim findou o desafio pelo empate de 1 goal a 1 com grande honra para o nosso grupo desportivo e em especial para o Instituto.

Eduardo Marques Centeno
(4.º ano comercial)